AFFONSO DE E. TAUNAY

(Antigo diretor do Museu Paulista)

VELHO SÃO PAULO

VOL. II

DEPOIMENTOS SÔBRE A CIDADE
ATRAVÉS DOS SÉCULOS
RUAS PRINCIPAIS * A ABADIA DE S. BENTO

Com numerosos textos e documentos iconográficos inéditos

Segunda contribuição da Companhia Melhoramentos de São Paulo para as comemorações quadricentenárias de 25 de janeiro de 1954.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

À Nossa Senhora do Rosário.

Este livro foi escaneado por Bruno Bonavigo.

Sinta-se livre para compartilhar, desde que não arranque estes créditos e a dedicatória. Caso queira, reze uma Ave-Maria por mim e pela alma do autor.

Deus abençoe.

O link da postagem no Archive, para eventuais correções da formatação, é:

https://archive.org/details/velho-sao-paulo-ii/

Se deseja contribuir com meu trabalho de preservação da história, considere fazer uma doação. Chave Pix: b0n4vigo@gmail.com. Aceito também suas orações.

Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

8/V-3

Do mesmo Autor, nas Edições Melhoramentos:

"HISTÓRIA DAS BANDEIRAS PAULISTAS"
em 2 volumes

ENSAIO DE CARTA GERAL DAS BANDEIRAS PAULISTAS
(3.ª Edição)

HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO

VELHO SÃO PAULO — VOL. I
Colégio * Sé * Paço

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 2617

ÍNDICE

DEPOIMENTO SÔBRE SÃO PAULO ATRAVÉS DOS SÉCULOS 5

AS RUAS PRINCIPAIS DE SÃO PAULO 35

A ABADIA DE SÃO BENTO 51

DEPOIMENTOS SÔBRE SÃO PAULO, ATRAVÉS DOS SÉCULOS

ILHADA como vivia pela Serra e a vigilância das autoridades e o conceito, velho como o mundo, do *hospes hostis,* não contou S. Paulo, na era colonial, visitantes estrangeiros que lhe conhecessem a intimidade. Só portuguêses a visitaram ou quando muito um ou outro eclesiástico não lusitano de quem não se conhecem depoimentos. Não há, pois, relatos xeno-brasileiros dos séculos XVI a XVIII a não ser os procedentes de oitiva.

Um apenas relevante, de testemunha ocular, o de D. Luís de Céspedes Xeria, Capitão General do Paraguai, que pela vila transitou, em 1628, a caminho de seu govêrno. E isto mesmo por ser casado com brasileira, da família dos Correia de Sá, senhores de baraço e cutelo do Rio de Janeiro. E a desobedecer ordens régias formais, proibindo a interpenetração dos súditos das duas coroas ibéricas, embora pertencentes ao mesmo monarca. Até quando se tratasse dos mais graduados vassalos.

Os mais antigos depoimentos sôbre aspectos paulistanos foram, como de se esperar, os dos jesuítas do século XVI. Narrava o padre Baltasar Fernandes, a 5 de dezembro de 1556, logo após a visita que o futuro S. Inácio de Azevedo, o mártir de 1569, acabava de fazer ao colégio piratiningano: — "os que ficámos nesta capitania de S. Vicente, e em Piratininga, sujeitos ao padre Joseph (de Anchieta) por superior, somos quatro padres e um irmão". Mais quatro sacerdotes assistiam no colégio do campo de Piratininga, a algumas "dezoito ou vinte léguas, por sertão dentro, por um áspero e trabalhoso caminho que tem uma serra grande de passar, a qual é tão alta que faz outra região e campo diferente de S. Vicente".

"É terra como essa do Reino, fria e temperada, dá-se nela vinho, azeite, si houver muitas oliveiras, havendo já amostra disso; dá pão como lá, si o semearem, mas é tão bom o mantimento desta terra que não alembra o pão do Reino.

Há muito gado vaccum que cada anno vem com proveito, por onde se multiplica muito, sem trabalho algum, por haver muito pasto dos campos, que são mais grandes que os de Santarém, e que são de quem os quer. Finalmente esta terra é das bôas que há no Reino e se dará nella, segundo parece, quanto lá se dá. É uma grande mágua ver tanta e tão bôa terra perdida, não haver quem a habite nem cultive. Ao redor desta Piratininga, umas duas e três léguas, há seis aldeias de indios, da terra, afóra outras casinhas que estão por diversas partes, dos quaes uns são christãos e outros não."

Depoimento quinhentista e igualmente jesuítico, mas anônimo, sôbre S. Paulo, é o do autor da História dos Colégios do Brasil. Pouco, muito pouco, o que relata o desconhecido informante, a não ser episódios da catequese. Escreveu em 1574 e narrou diversos fatos ocorridos com catecúmenos na Vila piratiningana, sobrenaturais alguns, meras demonstrações de fé outros.

Menos do que seus confrades relata Anchieta ao falar de Piratininga na sua "Informação da Província do Brasil para Nosso Padre", datada de 1585. Verdade é que já tanto escrevera o taumaturgo sôbre o seu querido arraial...

"A intitulada Vila de S. Paulo, situada junto a um rio caudal, terá 120 fogos de Portugueses; não tem cura nem a outros sacerdotes sinão os nossos, nem os Portugueses os querem aceitar. É terra de grandes campos, fertilissima de muitos pastos e gados, de bois, porcos, cavalos, etc., e abastada de muitos mantimentos. Nela se dão uvas e fazem vinho, marmelos em grande quantidade, e se fazem muitas marmeladas, romãs, e outras árvores de fruto da terra de Portugal.

Item: se dão rosas, cravinas, lírios brancos. É terra muito saudável — aonde vivem os homens muito, maximé os velhos."

"Os nossos se sustentam de esmolas muito bem por a terra ser abastada, excepto que o vestido, vinho, azeite e farinha para hostias lhes dá o Colégio do Rio."

Muito mais pormenorizado vem a ser o relato da viagem de Fernão Cardim, um dos mais célebres jesuítas quinhentistas do Brasil.

Veio, em 1585, de S. Vicente a S. Paulo. Embarcando numa grande ubá, desceu o Tietê ou o Pinheiros até a Piaçaba, ou pôrto de desembarque, onde ao visitador Cristóvão de Gouveia e a êle esperavam muitos dos principais paulistanos. Deu azo a sua estada na vila a grandes festividades religiosas. Ao altar do Colégio levou o Visitador uma cruz de prata dourada com o Santo Lenho e outras relíquias, que trouxera com a dos Santos Tebanos.

Organizou-se então um préstito de caráter medieval.

"Fomos em procissão até a egreja, com uma dança de homens de espada e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos às santas reliquias; chegando à egreja, démos a beijar as reliquias ao povo."

De Piratininga escreve Cardim:

"...é terra muito sadia, ha nella grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenários.

"Vestem-se aqui de burel e pellotes pardos e azues, de pentinas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos á egreja com roupões ou berneus com cacheira sem capa. A villa está situada em bom sitio, ao longo de um rio caudal, terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra."

"É terra de grandes campos e muito semelhante ao sitio d'Evora, na boa graça, e campinas, que trazem cheias de vaccas que é formosura de ver."

Vinhedos, vergéis, jardins encantaram o viajante: "Tem muitas vinhas e fazem vinho e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas como vi nestas vinhas; tem grandes figueiras de tôda sorte de figos, berjaçotes, bebaras, e outras castas, muitos marmeleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e há homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas.

Sumamente fértil a terra em redor da vila: "dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou uma quarta de cevada e colheu sessenta alqueires; é terra fertilissima muito abastada, quem tem sal é rico porque as criações não faltam; há muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal".

Entusiasmado, dizia dessa nova Canaã o missionário: "Enfim! esta terra parece um novo Portugal..."

O que em S. Paulo havia em grande deficiência era pano, "porque não iam os navios a S. Vicente, senão tarde e poucos".

Carta coreense, mandada executar pelo Duque (então Barão) de Caxias.

O Colégio, onde os moradores da vila sustentavam seis ou sete jesuítas com suas esmolas e grande abundancia, vinha a ser casa bem acomodada, com um corredor e oito cubículos. Feita de taipa, guarnecida de certo barro branco, dispunha de oficinas também bem acomodadas". De excelente pomar e jardim desfrutavam os inacinos.

A igreja, embora pequena, já apresentava ornamentos.

Frei Vicente do Salvador, o nosso bom e singelo Heródoto, não se dilatou sôbre Piratininga, ao escrever em princípios do século XVII.

Depois de relatar que já ali havia um mosteiro da Companhia de Jesus e outro de N. S.ª do Carmo, elogia o clima local.

"São os ares frios e temperados, como os de Hespanha, e assim é a terra mui sadia, fresca e de boas aguas."

Em tôrno da pequena vila existiam quatro aldeias de gentio amigo, doutrinado pelos padres da Companhia, fora outro muito que, cada dia, descia do sertão.

Ao redor de S. Paulo notava-se abundância digna de uma terra da promissão. Lavoura de trigo, prospérrima, ao lado da de cevada e "grandes vinhedos, donde se colhiam muitas pipas de vinho, ao qual para durar se dava uma fervura no fogo".

Muitos moradores tratavam de pecuária: "Dão-se á criação de vaccas, que multiplicam muito, e são as carnes mais gordas que em Hespanha, principalmente os cevados, que se cevam com milho zaburro, e com pinhões de grandes pinhaes, que há agrestes, tam ferteis e viçosos que cada pinha é como huma botija, e cada pinhão depois de limpo como huma castanha, ou belota de Portugal".

"Cavallos ha tantos que val cada hum cinco ou seis tostões."

No século XVII, as jornadas bandeirantes criaram aos paulistas, como se sabe, reputação européia de incorrigíveis escravistas e indisciplinadíssimos súditos de Portugal. Como reflexo, a tal respeito, surgem as informações fantasiosas de autores que não foram testemunhas oculares como os italianos missionários capuchinhos do Congo, Fr. Miguel Ângelo de Gattina e Fr. Dionísio de Piacenza, em 1667, ou o engenheiro naval francês, Froger, em 1697.

Depoimentos de testemunhas oculares, descrevendo o que eram os costumes dos paulistanos, são muito poucos e sumários.

Entre os que se prendem à nossa xenobibliografia, o mais antigo parece ser o de Don Luís de Céspedes Xeri'a que a Filipe IV escrevia, em 1628, denunciando ao Rei Católico os paulistanos como autores "de las mayores maldades, trayciones y vellaquerias que hazen ni an hecho vasallos suyos".

Vivía a vila com as casas fechadas porque a assistência dos seus habitantes era "en el campo".

Turbulentíssima aquela população que acudia "al pueblo en los dias de fiesta", ocorrendo então graves desordens.

Entretanto, declara Céspedes ter sido muito bem tratado na vila: "Fuy muy bien recebido y regalado por todos los moradores: estaré siempre reconocido". Singular reconhecimento, fôrça é convir...

De 1636 existe outro depoimento em espanhol, o de certo Manuel Juan Morales (que se supõe esconder outro nome) morador da vila desde 1595. Constitui o mais violento requisitório e endereçava-se igualmente a Filipe IV.

Depois de dizer horrores dos paulistas e de suas correrias e incursões pelas terras da Coroa da Espanha, refere de S. Paulo que era terra fartíssima.

Anos houvera em que os trigais vizinhos da vila haviam produzido cento e vinte mil alqueires (1.556.000 litros).

"Tiene esta tierra muchos mantenimientos, muchas carnes, mucho algodon y mucha capacidad para lino. El oro de esta tierra es mucho."

Vendia-se a oitava de ouro em pó por sete tostões.

Os homens válidos da vila seriam seiscentos portuguêses escopeteiros e mais de três mil índios arqueiros.

A altanada independência dos paulistas ante as autoridades régias criou-lhes contemporâneamente, entre os próprios portuguêses, a reputação de viverem mais como confederados de que como súditos de seus reis.

Daí a fama mundial de que a vila constituía agrupamento meramente republicano, pois os monarcas a tratavam com a maior deferência, receosos de que tão belicosos súditos rompessem o laço da solidariedade lusa, proclamando-se independentes sôbre o seu, então, quase inexpugnável planalto.

A esta corrente contradisseram os informes confidenciais de autoridades como o Desembargador Barreto de Sampaio, em 1674, ou o do governador do Rio de Janeiro, António Pais de Sande, em 1693, papéis só ùltimamente divulgados.

Afirma Sampaio que os moradores da vila viviam conforme as leis do Reino e muito obedientes às ordens de Sua Alteza (o Príncipe Regente D. Pedro). E nesta ocasião fêz rápida súmula dos serviços prestados à Coroa pelas bandeiras. — Dos paulistas escreveu Pais de Sande os maiores elogios: "homens briosos, valentes, impacientes da menor injúria, ambiciosos de honras, amantíssimos de sua pátria, benéficos aos forasteiros e adversíssimos a todo o ato servil", eis as suas características afirmava a Dom Pedro II.

Eram-lhes as mulheres formosas e varonis, sendo hábito da terra lhes deixarem os maridos o govêrno das casas e fazendas por industriosas que se mostravam.

Referiu o sátrapa fluminense curiosa profecia do Taumaturgo do Brasil acêrca de sua querida aldeia de Piratininga: seria um dia a maior cidade brasileira.

No século XVIII continuaram os depoimentos xeno-brasileiros a repetir sôbre S. Paulo as coisas exatas e também as patranhas do século XVII, veiculadas pelos almirantes Lorde Anson e Dampier, Charlevoix, Muratori, Dom Vaissette, Raynal, Bougainville e tantos mais.

Ainda em 1807 o grande geógrafo Malte Brun escrevia vários disparates sôbre S. Paulo, numa obra que por longo prazo desfrutou de grande e universal prestígio.

As mais antigas referências aos aspectos urbanos de São Paulo parecem-nos provir do Morgado de Mateus, Dom Luís Antônio de Sousa Botelho e Mourão, Capitão-General da Capitania de 1765 a 1775.

Escrevendo ao Conde de Oeiras acêrca de suas primeiras impressões da capital de seu govêrno contava, pouco depois de empossado:

"Está edificada a Cidade de São Paulo no meyo de huma grande Campina em Citio hum pouco elevado que a descobre toda em roda. O seu terreno hé brando e tem as ruas planas, largas e direitas e algumas bem compridas, porem não são calçadas, todas as paredes dos edificios são de terra; os portaes e allizares de páo por ser muito rara a pedra, mas não deixa de ter Conventos, e bons Templos, e altas Torres da mesma materia com bastante segurança e duração.

Os mais sumptuosos e melhores são a Sé, este Colegio q' foy dos Jezuitas, especialmente o Seminario em que estou aquartelado, a Igreja do Carmo, e o seu Convento que se

está reedificando, a de São Bento, que não está acabada, e a de S. Francisco que hé antiga, e a pertendem reformar; ha mais hum Recolhimento de mulheres couza lemitada;

Nas Ruas principaes, tem cazas grandes e de Sobrado; todas as mais são baixas com quintaes largos, que as fazem parecer de mayor extenção; os seus arredores, são alegres, mas infrutiferos, cuido que pela negligencia dos Naturaes; por huma parte hé regada da Ribeira Tamanduatiy, que com repetidas voltas a Circula e com as suas enchentes inunda a mayor parte da Campanha, fertilizando-a de bons pastos; pela outra tem hum pequeno Ribeiro deminuto de aguas, e juntos entrão a pouco espaço no Tieté, ou Niemby, Rio Grande."

Passando a informes de ordem demográfica acrescentou o Capitão-General:

"Consta esta Cidade actualmente segundo a lista que mandei tirar de trezentos e noventa e dous fogos, seis centos quarenta e nove homens e oito centos sessenta e sete mulheres, porem a sua frequezia, que se estende a doze leguas, tem oito centos noventa e nove fogos, em que se comprehendem mil sete centos quarenta e oito homens e duas mil e noventa mulheres contando neste numero os de mayor e menor idade; dos referidos se achão rezidentes na Sé, duas Dignidades, e Sete Conegos, hum dos quaes serve de Vigario Capitular, alem destes, ha vinte Clerigos, e doze tonsurados, quarenta e cinco Religiozos Capuchos, nove Carmelitas calçados, quatro Beneditinos, e vinte recolhidas com duas serventes.

Hé tudo quanto posso dizer a V. Ex.ª desta Cidade de São Paulo, Capital da Capitania do mesmo nome."

Cremos que as mais antigas referências às vias públicas de S. Paulo, até hoje divulgadas, pelo menos de modo minudente, promanam de Manuel Cardoso de Abreu em seu *Divertimento admirável,* datado de 1783. É como que o precursor dos guias de S. Paulo em suas aliás muito pouco extensas informações.

"É a cidade de S. Paulo, cabeça da capitania, onde residem os generais e bispos e tem duas comarcas — uma da sua ouvidoria e outra da vila de Paranaguá.

Os habitadores da cidade vivem de várias negociações: uns se limitam a negócio mercantil, indo à cidade do Rio de Janeiro buscar as fazendas para nela venderem; outros da extravagância dos seus ofícios; outros vão a Viamão buscar tropas de animais cavalares ou vacuns para venderem, não só aos moradores da mesma cidade e seu continente como também aos andantes de Minas Geraes, e exercitam o mesmo negócio vindo comprar os animais em S. Paulo para os ir vender a Minas, e outros, finalmente, compram alguns efeitos da mesma capitania, como são panos de algodão e assucar, e vão vender às Minas labutando, nesta forma, todos, naquilo a que se aplicam.

É a cidade aprazível pelo terreno e saudável pelos ares, e não é muito pequena, pois se conhece a sua grandeza pelo número das ruas, cujas são: de S. Bento, Direita, de S. Francisco, das Casinhas, da Freira, de S. Gonçalo, da Sé, das Flores, do Carmo, que é onde está o palácio dos generaes, do Rosário, da Quitanda e Rua Nova do Guacú, tôdas elas com suas travessas correspondentes, com o defeito, porém, de serem a maior parte das casas térreas, e as ruas mal ordenadas e mal calçadas.

Tem vários templos, como são: a Sé, os conventos do Carmo e de S. Francisco, S. Bento, Santa Tereza, S. Pedro, o Colegio que foi dos denominados jesuitas, em que assiste o bispo, a da Misericórdia, Santo Antonio, Rosário dos Pretos e S. Gonçalo dos Pardos, entre os quais tem alguns bem acabados, e magníficos, e fóra da cidade, em distância de 300 braças mais ou menos, está o recolhimento da Luz, onde vão os magnatas da cidade e o mais plebêo por passeio, divertir-se."

Planta da autoria do Dr. Carlos Rath 1868.

O que Pedro Taques escrevera dez anos antes é muito menos interessante:
"Tem esta cidade três conventos, que são: o de carmelitas calçados, o de capuchos antoninhos, o de monges beneditinos: tem o colégio que foi de jesuitas, e dentro dêle o seminário de porcionistas para a instrução da lingua latina: tem um recolhimento de beatas de Santa Tereza, que foi construido totalmente a expensas do cabedal de alguns paulistas, por instrução e direção do Exmo. D. José de Barros e Alarcão, primeiro bispo do Rio de Janeiro, achando-se de visita em S. Paulo pelos anos de 1681 até 1683. Tem casa de Misericórdia, e quatro igrejas, que são a do Rosário dos Pretos, a de S. Antônio, a de S. Pedro e a de S. Gonçalo Garcia, que são filiais da sé catedral. Tem casa da real fundição,

onde se cunham as barras de ouro, e se pagam os reais quintos de ouro, extraído das minas, que existem dentro da comarca."

O recenseamento do Morgado de Mateus, em 1767, apesar de muito deficiente apresenta uma nomenclatura de ruas que nos parece ter sido a primeira a ser feita em S. Paulo. Nêle se mencionam as ruas de S. Bento e Direita, mas a atual 15 de Novembro é designada como "rua do Canto da Sé té o Rosario", e a Álvares Penteado como "do Canto da Lapa até a Misericórdia, etc.

A rua da Cadeia seria acaso a atual José Bonifácio, "a do Canto da Misericórdia para o Campo da Forca" corresponderia a Quintino Bocaiuva. Vemo-la, em 1767, apelidada rua do Secretário. A da Freira, a "Senador Feijó". A do "Fonseca" que principia do Pátio de S. Gonçalo até o largo da Sé" seria mais tarde a da Esperança, hoje desaparecida.

No preciosíssimo mapa de Rufino José Felizardo e Costa, então tenente do Real Corpo de Engenheiros, cujo original se data de 1808 ou 1810 e pertence ao Museu Paulista por doação do seu neto Cel. José Carlos da Silva Teles (mapa evidentemente não acabado), a legenda não traz, ainda, aliás, nomenclatura alguma de ruas e apenas a de edifícios públicos e particulares salientes.

Com o século XIX abriram-se às Nações os portos do Brasil e pela primeira vez surgiu em S. Paulo um viajante estrangeiro a examinar-lhe a facies. Era êle o geólogo amador John Mawe que em 1807 nos deu a primeira notícia da cidade quando dois séculos antes fizera Pyrard de Laval o mesmo da Bahia, e século e tanto, o engenheiro Froger, quanto ao Rio de Janeiro.

Apareceu em fins de 1807 mostrando-se bem impressionado com a cidade, "cujas ruas eram largas e asseiadas", nelas se notando, nas artérias principais, "casas bem pintadas, muitas das quaes com dous e até trez andares".

Refere que a sua vinda causou verdadeira explosão de curiosidade entre os bons e ingênuos paulistanos. Pretende ter tido uma romaria de visitantes que desejavam ver "um inglês!" Vieram crianças a pedir-lhe que lhes mostrasse as mãos cujos dedos desejavam verificar se seriam cinco!

Tal a curiosidade que ao passear pelas ruas recebia convites de pessoas gradas para que fôsse às suas casas.

Pareceram-lhe os paulistas gente muito polida, muito mais educada do que os hispano-americanos do Prata.

Os homens, quase sempre bem vestidos, mostravam-se delicados, desembaraçados e obsequiadores.

Em sua honra organizaram-se várias festas, chegando o Capitão-General Franca e Horta a dar-lhe um baile em palácio.

Ao sarau concorreram pessoas urbanas e bem trajadas, ostentando as mulheres roupas brancas e muitas jóias de ouro, geralmente correntes e grandes arrecadas.

Para irem à missa vestiam-se as senhoras de sêda preta, usando véu do mesmo pano e côr e largas rendas.

Tinha a cidade risonho aspecto; às noites dos grandes dias festivos iluminavam-se as casas; havia por tôda a parte saraus, chás e reuniões íntimas, muito agradáveis. Atraíam as procissões enorme concurso de povo, apinhando-se as sacadas das janelas à passagem dos préstitos.

Próspera parecia a cidade onde se notavam muitas lojas. Nela haviam vários negociantes adquirido boas fortunas. Circunstância curiosa: avultavam as boticas, sendo, no entanto, escassos os facultativos.

O médico sueco Gustavo Beyer que a S. Paulo chegou em março de 1813 da cidade recebeu a melhor impressão, logo à entrada. E esta se lhe tornou cada vez mais agradável, à medida da demora entre os paulistanos, que açodadamente o visitaram logo, particulares e corporações, gastando o viajante escandinavo muitos dias em pagar tão atenciosas visitas.

Quatro anos mais tarde eram duas legítimas celebridades que em S. Paulo apareciam: Spix e Martius, os dois famosos naturalistas. Chegaram a 31 de dezembro de 1817 òtimamente impressionados com a linha panorâmica da cidade divisada do alto da colina da Penha.

Diversos edifícios grandes emprestavam-lhe aspecto assaz vultoso, destacando-se do conjunto o antigo colégio dos jesuítas, o mosteiro dos carmelitas, e o paço episcopal.

No dia de Ano-Bom puseram-se os dois sábios a passear pela cidade, dela recebendo boa impressão, graças às ruas, largas, arejadas e limpas, e às casas, geralmente de dois pavimentos.

Um cunho de antiguidade pitoresca por tôda a parte se notava. Revelava-se sobretudo pela existência de numerosos balcões gradeados, velhos de mais de um século, característicos arquitetônicos que do Rio de Janeiro já estavam desaparecendo.

Em parte alguma do Brasil pareceu aos viajantes o presente ligado ao passado como em S. Paulo, onde a cada passo se evocavam os feitos dos devassadores dos sertões.

Reinava na capital paulista a maior simplicidade de vida. "Entre os seus habitantes não se percebia o gôsto pelo luxo europeu tão desenvolvido como entre os ricos baianos, pernambucanos e maranhenses. Comodidade e asseio tinham nas instalações domésticas, de preferência à elegância e ao luxo, encontrando-se-lhes nas salas em vez da mobília norte-americana e dos espelhos franceses, freqüentes nas demais províncias brasileiras, um renque de cadeiras pesadas, cuja origem remontava a diversos decênios e pequenos espelhos que aos visitantes alemães se afiguraram, pela moldura, provindos de Nüremberg. Em lugar de grandes lâmpadas de vidro ou candeeiros com velas de cêra, ocupava o centro da mesa um lampião de latão, no qual se queimava, em geral, o óleo do "Ricinus communis".

Em 1818 dizia Luís de Alincourt das ruas de S. Paulo que eram calçadas, espaçosas e boas; correndo entre prédios de taipa. Como a terra tinha grande tenacidade e fôra bem pilada duravam muitos anos. Adquiriam tal consistência que se tornava preciso usar alavancas para se derribarem as paredes. Apresentava a cidade pontes de alvenaria e outras de madeira e ainda algumas praças regulares. Três conventos existiam, um de beneditinos, outro de carmelitas e o terceiro de franciscanos, dois recolhimentos de mulheres, várias igrejas e ermidas, casa de Misericórdia e três hospitais.

Esplêndidos lhe eram os subúrbios embelecidos pelas quintas ou chácaras.

Òtimamente impressionado, expendia o sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros: "Tem esta cidade tôdas as proporções para o estabelecimento de uma Universidade: o baixo preço dos generos, a abundancia deles, a salubridade do ar, a temperatura do clima, as distrações, finalmente, tudo parece conspirar a preferir êste a qualquer sitio para a cultura das letras."

Vindo de Goiás, entrou em S. Paulo, a 29 de outubro de 1819, o sábio botânico Augusto de Saint-Hilaire, percorrendo larga rua emoldurada de pequenas e bem cuidadas casas.

Na capital paulista permaneceria quarenta dias.

Largo e Igreja da Misericórdia. Pintura de J. Wasth Rodrigues segundo documento de 1860 (Galeria do Museu Paulista).

Achou a cidade "incontestavelmente a mais linda de quantas até então visitára no Brasil". Pareceu-lhe não contar mais do que doze ou quinze mil habitantes.

Encantaram-no a localização magnífica e os ares puríssimos. Poucos panoramas se lhe depararam mais lindos do que o desfrutado das janelas do fundo do palácio, voltadas para a várzea do Carmo. Numerosas as casas de agradável aspecto: bem conservados os edifícios públicos. Em parte alguma se viam, como, freqüentemente, nas cidades e vilas de Minas Gerais, ruínas e habitações abandonadas.

Nas ruas havia trânsito. Contrastavam com as vias desertas de Ouro Prêto. Largas, nelas podiam livremente circular veículos; deixava-lhes, porém, o calçamento a desejar. Dentre elas as de melhor aspecto eram a Direita e a de Antônio Luís.

Quer nos parecer que êste Antônio Luís devia ser Luís Antônio e a rua aquela onde se encontrava o sobradão do Brigadeiro Luís Antônio de Sousa, o homem mais rico da Capitania, rua hoje chamada José Bonifácio. Das casas, de taipas robustas e caiadas de branco, nenhuma anunciava grandeza e opulência, mas a muitas adornava real aspecto de confôrto e asseio. Numerosos sobrados se contavam. Nem se exageravam os beirais dando-se-lhes apenas largura suficiente para que da chuva protegessem os transeuntes ou lhes dessem sombra.

As janelas se espaçavam, ao passo que no Rio de Janeiro era o contrário o que freqüentemente acontecia. Daí provinha o notório enfeitamento das fachadas. Raro o sobrado em que as janelas não fôssem envidraçadas e não tivessem sacadas e venezianas pintadas de verde. As demais casas dispunham de rótulas e gelosias.

Causou o interior das habitações a melhor impressão ao naturalista. "Achei-o correspondente ao exterior". Por tôda parte salões muitos limpos e mobiliados com bom gôsto. As paredes, às vêzes pintadas de côres frescas, nos prédios velhos apresentavam figuras e grandes arabescos. Nos novos, viam-se molduras e lambrises, à semelhança dos papéis pintados, na época, novidade, ainda de além-Atlântico.

Não existindo chaminés nas casas brasileiras, iam bibelôs, enfeites e curiosidades para cima das mesas; a que cobriam castiçais, pêndulas, redomas. Viam-se também em alguns salões imagens.

O senso estético dos paulistanos é que ainda se manifestava rudimentar. Na sua ingenuidade, queriam os visitados pelo naturalista que se extasiasse diante de suas gravuras e estampas, "rebutalhos de nossos belchiores", declara, e no entanto admiradas como legítimas obras-primas.

Das igrejas de S. Paulo, uma apenas, a do Carmo, estava "ornamentada com muito gôsto e notàvelmente dourada". O palácio episcopal, espaçoso, era, no entanto, horrendo, arquitetônicamente falando.

A casa da Câmara, grande, ampla, sobressaía numa praça quadrada. Ao rés-do-chão notava-se a parte destinada à cadeia e onde se viam sempre presos a conversar com os passantes, praxe generalizada em todo o Brasil.

Os mosteiros de homens, achou-os muito bem situados, mas sem qualquer particularidade notável. Conservava o palácio dos Capitães-Generais o aspecto conventual que lhe imprimira a antiga feição jesuítica; alguns salões enormes, muitas celas e um nunca acabar de corredores. Estavam as paredes dos aposentos pintadas com muito gôsto; havia, porém, pobreza de mobiliário. Muito asseio por tôda parte, contudo.

As praças públicas, embora numerosas, deixavam a desejar pelas dimensões, salvo o grande Campo dos Curros fora da zona urbana, onde um engenheiro militar, o mais tarde

marechal. Daniel Pedro Müller, construíra vistoso e amplo anfiteatro de madeira para as corridas de touros.

Notava-se, então, em S. Paulo, grande número de lojas bem sortidas e arruinadas; parecia o comércio dispor de quase tantos artigos quantos o do Rio de Janeiro.

Circunstância que muito louva Saint-Hilaire aos paulistas é o seu pendor pelas chácaras e casas de campo, edificadas de todos os lados em tôrno da cidade. Nunca as vira tão numerosas senão nas vizinhanças do Rio de Janeiro, contribuindo notàvelmente para embelezar a paisagem. Às casas envolviam pequenos cafèzais e lindos pomares de laranjeiras e jabuticabeiras, sobretudo.

Entre as mais belas, citou o botânico a do brigadeiro Baumann, a meia légua da cidade, além de Santa Ifigênia. Nela notou lindas flores das mais variadas espécies e uma infinidade de macieiras, pereiras, castanheiros, pessegueiros soberbos e belíssimas videiras.

A melhor das casas de campo de S. Paulo seria talvez a do rico proprietário, Joaquim Roberto de Carvalho. Possuía a chácara da Água Branca, onde recebeu o naturalista com verdadeira amizade.

Voltando a S. Paulo durante a semana Santa de 1822 notou Saint-Hilaire a grande animação trazida pelas festas sacras.

A tal propósito observa que as mulheres do povo apresentavam-se com a cabeça e o corpo envoltos em panos pretos.

As da classe mais elevada punham à cabeça uma mantilha de casimira negra, com a qual ocultavam quase inteiramente o rosto, mantilha debruada de larga renda da mesma côr.

Era a persistência do velho hábito ibérico dos rebuços contra o qual tão encarniçadamente se batera, mas debalde, o aliás amalucado Capitão-General Martim Lopes Lôbo de Saldanha. Ainda em meados do século XIX surgiam algumas mulheres rebuçadas aferradas aos costumes seculares de suas avós.

Pouco antes da passagem de Saint-Hilaire publicara Aires de Casal, em 1817, sua tão afamada *Corografia Brasílica* onde consagra poucas linhas a S. Paulo.

Paulópolis "cidade mediocre embora vistosamente assentada em terreno pouco levantado no ângulo da confluência do Rio Tamanduateí com o ribeirão Hynhangabahú" (sic).

Menciona-lhe igrejas, conventos, ermidas, hospitais, paróquias, enumera-lhe as autoridades judiciárias. — Professôres régios havia-os de gramática latina, retórica, filosofia, teologia dogmática e moral, além dos de primeiras letras.

E a tal propósito enuncia conceitos inúmeras vêzes repetidos por brasileiros e estrangeiros: "A salubridade e temperamento do clima, a abundância e barateza dos víveres fazem julgar que se lhe dará preferência para a premeditada fundação da Universidade, que lhe dará crescimento, lustre, comércio e celebridade. Os corpos têm aqui mais vigor para a aplicação; e os insetos danificam menos as bibliotecas".

Contavam então (1817) S. Paulo e seu distrito 4 020 fogos com 23 760 habitantes, dos quais a metade de gente branca.

"Nos seus alegres subúrbios notava-se grande número de quintas ou chácaras, entre cujas árvores frutíferas não desprezadas, nem raras as jabuticabeiras, de fruto formoso e excelente". "As laranjas não são bôas e as árvores que as produzem queimam-se nos anos de muita geada; o mesmo acontece aos cafezeiros, às bananeiras, às mandiocas e canas de assucar. As limas são gabadas; as maçans, ginjas, pecegos, marmelos e ameixas não são de bôa qualidade", termina o corógrafo.

Hipólito Taunay, naturalista e homem de letras francês, de S. Paulo dizia em 1821 que de longe impressionava ao viajante o seu aspecto. Como que se elevava de uns cinqüenta pés acima da planície e estava quase tôda cercada de água. As precipitações pluviais nela se despejavam ràpidamente e suas ruas mostravam-se extremamente limpas.

Da pavimentação refere que fôra feita com o emprêgo de grés xistoso aglutinado por cimento ferruginoso encerrando grandes seixos arredondados de quartzo, provenientes de depósitos aluviais auríferos. Daí a circunstância de aparecerem, nos vãos das pedras do calçamento, particulas de ouro após as grandes chuvas, faíscas que os pobres recolhiam com cuidado.

Eram-lhe as casas assaz bem edificadas. Para a sua construção empregava-se a taipa, método por assim dizer local, oferecendo a vantagem da grande solidez.

Eram as casas de S. Paulo geralmente rebocadas de branco pelo uso da tabatinga. Em 1821 existiam na cidade prédios de mais de duzentos anos o que dava a idéia da solidez das taipas.

Havia os de dois e três andares e até de maior número de pisos (sic). Como o uso das calhas e biqueiras era desconhecido, usava-se do resguardo dos beirais saliências de dois ou até três pés (0,66 a 0,99) dos telhados. Providência esta preciosa para a conservação da solidez dos alicerces.

Era o que se consubstanciava no prolóquio popular de que às taipas não se lhes tirasse o chapéu e o calçado que elas desafiariam os séculos.

Depois de se referir aos cenóbios paulistanos chama Hipólito Taunay a atenção dos leitores sôbre a existência de algumas praças "bastante belas", três lindas pontes de alvenaria e chafarizes assaz numerosos, cuja água em todo o caso não se mostrava tão boa quanto a do Tietê.

Aires de Casal a tal propósito dava preferência à do Tamanduateí.

Nos arredores da cidade existiam casas rodeadas de bonitos jardins com jabuticabeiras e uma multidão de outras árvores frutíferas. Nêles as laranjeiras, bananeiras, cafeeiros e cana-de-açúcar não prosperavam tão bem quanto as macieiras, pessegueiros, cerejeiras e ameixeiras. Estas últimas muito pouco produziam, os marmeleiros transplantados da Europa nunca se mostravam muito bons, mas por falta de trato. As flores de Portugal embelezavam os jardins onde de tal modo prosperavam os cravos que serviam para juncar as testadas das casas e das igrejas no dias das grandes festas e procissões.

Nas hortas notava-se grande número de legumes europeus que se desenvolviam mau grado o trato sumário. Nelas existia abundância de carás, tubérculos não inferiores às melhores batatas. Também ali eram vistas plantas medicinais. Entre êstes símplices destacava-se a jarrinha muito recomendada como antídoto do veneno ofídico.

Prosperava a vinha, oferecendo grandes cachos. Mas de vinho muito mau para os europeus. James Henderson em 1821 imenso se valeu das informações de Aires de Casal.

A S. Paulo atribuiu população muito maior do que a real, dando-lhe de 35 a 40 000 habitantes dos quais apenas metade branca. Chama-lhe "mediocre cidade", imputação inteiramente descabida para o Brasil de vésperas de Independência. Menciona-lhe os principais edifícios e dá-lhe um casario de quatro mil prédios em imensa maioria feitos de taipas. Atribui-lhe a falsa altitude de 350 toesas ou 640 metros. Assim também lhe recua a data da fundação para 1552. Louva-lhe o bom clima "procurado por valetudinários fluminenses".

Interior da igreja de Santo Antônio em 1826. (Pintura de J. Wasth Rodrigues ap. original de Hércules Florence, Galeria do Museu Paulista). É o mais antigo documento representando um interior de templo paulista.

Ao capitão-general da época chama estropiadamente Oeynhausen. Como aspecto geral conta que em S. Paulo havia algumas ruas bem calçadas e alguns largos. À cidade rodeavam quintas também chamadas *shacaras* com bons pomares.

Em 1826, escreveu Hércules Florence, o famoso patriarca da iconografia paulista, sobretudo a dos costumes, e o único depoente da iconografia das monções, sumárias impressões de S. Paulo a que atribuiu população menor do que a real (12.000 habitantes apenas). Declara que na cidade havia "algumas ruas não feias".

"O palácio da presidência não passava de insignificante edifício. Da cadeia, vasta mas mal construída e muito pouco sólida, não raro fugiam os presos."

É extraordinário que um homem de tamanha inteligência e tão elevados dotes artísticos tão pouco tenha deixado em matéria de impressões sôbre a cidade paulistana. Pensamos que tal haja decorrido de sua extrema mocidade na época, pois apenas contava vinte e dois anos. — É possível porém que no seu acervo, acaso ainda existente na Rússia, haja vistas do S. Paulo de 1826, como também pode ser o caso de seu colega da missão Langsdorf Amado Adriano Taunay, a infeliz vítima das águas do Guaporé em 1828.

Infatigável desenhista autor da mais copiosa obra, a mais copiosa e preciosa, é inexplicável que dêle, Florence, não se conheçam vistas de S. Paulo. Coube esta primazia a Teodoro Ender, pintor da missão de Spix e Martius, ótimo artista, autor, por ordem cronológica, da mais antiga iconografia da cidade, passados quase dois séculos depois que Don Luís de Céspedes nos tivesse deixado o mais velho documento pictórico da vila piratininganа, a facies do seu paço.

Mas o próprio Ender não desenhou nenhum aspecto de rua, limitando-se a vistas panorâmicas e de edifícios. O mesmo fêz o primeiro paulista, o primeiro brasileiro que tratou da iconografia paulistana, Miguel Benício Dutra, autor das singelas e canhestras vistas dos edifícios de S. Paulo emolduradoras da planta de Rufino José Felizardo e Costa, em 1841.

O primeiro conspecto panorâmico da cidade até hoje conhecido é o de 1828 e de Pallière que traçou a linha apresentada pelo alto da escarpa central sôbre a várzea do Carmo, vista panorâmica que reproduzimos no primeiro tomo desta obra.

Descrevendo, em suas valiosas Recordações, aspectos do segundo quartel do século XIX, diz Francisco de Assis Vieira Bueno, aliás filho da Capital paulista, onde nascera em 1816.

"Em 1830, São Paulo era quase uma formosa sem dote, como a chamou Freire de Andrada, devendo sua formosura sòmente à notável beleza de sua situação, e de seu horizonte visual. Circundada de campos estéreis, e inçados de saúva, apenas matizados de capões e restingas, a lavoura circunvizinha, limitada à cultura da mandioca e de poucos cereais, não lhe oferecia elementos de riqueza, dando-se o mesmo quanto à indústria pastoril.

O comércio de exportação da província, alimentado sòmente pelo açúcar produzido no interior, apenas atravessava a cidade, movimentado pelas tropas de bêstas, que passavam para o pôrto de Santos. Sòmente no comércio de animais, pela maior parte trazidos do Rio Grande do Sul, é que alguns paulistas da Capital tinham conseguido adquirir fortunas de algum vulto.

O comércio de retalhos de fazendas sêcas, bebidas e mercearias, alimentado pelo consumo de uma população pobre, de 15 a 20 mil habitantes, era diminuto. Lojas de fazenda de uso comum haveria, quando muito, umas vinte com a singularidade de pertencerem quase tôdas a sujeitos que tinham apelidos esquisitos, em cuja invenção o povo era fértil e espirituoso. De ferragens havia só uma na rua Direita. De louças também um único armazém, que por exceção pertencia a um brasileiro. Digo por exceção, porque todos os donos de ne-

Rua da Imperatriz, antiga do Rosário (hoje 15 de Novembro) ao desembocar no Largo da Sé (1862). (Ap. original de Militão de Azevedo).

gócio eram portuguêses. O sortimento dêsse armazém; situado em frente à rua do Colégio, hoje do Palácio, compunha-se de pratos e tigelas de pó de pedra, e dos grandes copos de vidro, usados nas tavernas. De vinho havia igualmente um só, no Largo da Sé."

À indumentária dos paulistanos assim se refere o interessante autor que infelizmente muito pouca extensão deu às suas *Memórias:*

"O consumo das fazendas finas não podia deixar de ser restrito em razão do singelo trajar geralmente usado."

Um homem abastado com um robissão (sobrecasaca comprida) de pano encorpado (as fazendas eram de lei) calça de saragoça, ou de ganga amarela ou azul, trajava decentemente; e com êsse fato domingueiro varava muitos anos.

A mulher rica, com seu vestido de sarja de Málaga, e sua mantilha de pano fino com larga renda de retrós de Itália, bordada (puçá) vestia com luxo; também varando anos com o mesmo fato, porque só saía para ir à igreja. O traje caseiro era saia de chita, camisa com crivo no peito.

O capote era também um vestuário decente muito usado, e muito alegre, quando era de escocês, xadrez de lã de côres vivas. Do capote era inseparável companheiro o chapéu de Braga, que os negociantes encareciam dizendo que eram "legítimos de Braga". Sendo moles e de abas largas, a gola do capote que se usava alta e acolchoado, arrebitava-lhe a aba para trás, dando ao dono uma figura burlesca.

Nas classes pobres os homens vestiam calça e jaqueta de qualquer fazenda grossa, de algodão; e as mulheres saia de chita ou riscado, e algum xale de chita para a rua.

Rua da Imperatriz, ao centro (1862). (Ap. original de Militão de Azevedo).

Os roceiros vestiam pano de algodão mais grosso, sendo o algodão colhido e fiado em casa, e o pano tecido no tear de algum vizinho tecelão. Mesmo gente remediada vestia, por casa, um pano chamado de três varas, porque era feito de um fio, mais fino, uma libra do qual dava três varas de tecido. O vestuário dos homens compunha-se ùnicamente de calça e camisa, ao que, os que podiam, adicionavam o surtum de baeta (espécie de colête) para o frio. Mas a calça já era um progresso ainda não adotado por outros. Não poucos ainda vestiam a ceroula ampla e curta, que deixava as pernas nuas dos joelhos para baixo, e cujo cós abotoava ao lado direito da cintura por baixo da fralda da camisa. O mais é que, com ser tão primitivo, êsse vestuário perdurou até um tempo não muito distante, para escravos da roça.

Dêsses mesmos tecidos de algodão vestiam as mulheres roceiras pobres, saias, cobrindo-se com alguns covados de baeta azul. Ainda dêsse mesmo estôfo se faziam lençóis para cama, as toalhas de mesa, de rosto, etc.

As donas de casa mais prestimosas e abastadas faziam para vender os seus rolos de pano, as suas rêdes, colchas felpudas, algumas bem vistosas, pelas figuras e desenhos de vivas côres, entretecidos com fios de lã tirados de retalhos de baeta.

Para o fabrico de tôdas as roupas de algodão a matéria-prima provinha de pequenas plantações dum algodoeiro arbóreo, que, sendo decotado depois da colheita, durava anos produzindo.

Rememorando êstes pormenores, todavia, não os reputo inteiramente descabidos, pois dão a conhecer os costumes primitivos, daqueles tempos, em conseqüência dos quais fôrça era que a cidade de São Paulo fôsse ainda quase a de Freire de Andrada.

E assim permaneceria ainda por algumas dezenas de anos, até que por ser a sede do govêrno de São Paulo se tornasse o centro das vias férreas, recebendo assim a infusão de sangue novo, tanto indígena como estranho, que lhe imprimiu o impulso de imenso progresso.

O corpo mais compacto da cidade ocupava longitudinalmente o planalto da colina, cuja escarpa descambava a leste para o Tamanduateí, e ao poente para o Anhangabaú, acabando para o sul no largo da Chácara dos Inglêses, no cemitério, e no campo da Fôrca; e para o norte no convento de São Bento.

Fora dessa área havia sòmente esgalhos muito irregulares, formando arrabaldes desigualmente povoados ao poente, e ao norte. Mas mesmo dentro dessa área as edificações não cobriam todo o terreno, havendo muitas ruas com longos trechos de quintais, fechados por muros de taipas.

As casas em grande parte eram térreas, só havendo maior número de sobrados em algumas ruas mais centrais. Feitos de taipas, os prédios eram destituídos de elegância, sem arquitetura e mesmo feios, por causa dos beirais, projetados sôbre a rua; o único que sobressaía dessa vulgaridade era o que hoje é ocupado pelo hotel de França (à esquina das ruas Direita e de S. Bento e antiga residência do Brigadeiro Jordão).

Os únicos edifícios públicos eram o palácio do govêrno em cujas dependências funcionavam tôdas as repartições públicas, inclusive a Assembléia Provincial; e o Paço da Câmara Municipal, cujo pavimento térreo era a Cadeia. O primeiro era a antiga casa dos Jesuítas, contígua à sua igreja do Colégio, aparrada e com pequenas janelas no peitoril.

A cidade tinha poucas ruas empedradas e o calçamento destas era péssimo, por ser feito com pedras não aparelhadas; e além disso de má qualidade para semelhante aplicação, por serem pouco resistentes, e muito irregulares na forma.

A razão disso era não haver outras qualidades de pedras nas vizinhanças e, por falta de estradas, e de meios de transportes, ser impossível mandá-las vir de outras partes como se faz agora.

Além disso, a pobreza da municipalidade não comportava larguezas, nem nesse, nem nos outros serviços de sua competência. Como não há mal que não traga vantagem, o pisar faceiro das paulistas era atribuído ao hábito adquirido pela necessidade de andar com cuidado em calçadas escabrosas.

Para a limpeza das ruas e praças não havia serviço algum organizado; e por isso, onde quer que houvesse pouco trânsito, a grama e a erva medravam à vontade".

Daniel Parrish Kidder, chegado a S. Paulo em 1839, foi o primeiro autor norte-americano que visitou a cidade, cujas ruas achou acanhadas e traçadas sem obedecerem a um plano geral. Tinham passeios estreitos e pavimentavam-nas rochas ferruginosas.

Surgiam alguns edifícios de pedra, mas a maioria das casas fôra construída de taipa, o que permitia bom acabamento interno e externo. Amplos telhados protegiam estas taipas da chuva, e delas muitas havia sobremodo espêssas e mais que seculares.

Eram os prédios geralmente de dois pavimentos, dotados de sacadas que às vêzes levavam rótulas.

Tais sacadas constituíam o lugar predileto dos homens e das mulheres que ali iam gozar "o frescor das manhãs e das noites ou assistir à passagem de procissões ou ainda qualquer ocorrência que lhes despertasse a atênção".

Rua da Imperatriz e Igreja do Rosário (1862). (Ap. original de Militão de Azevedo).

Quer de pedra ou de taipa, apresentavam-se as casas comumente rebocadas e caiadas. Contrastava admiràvelmente a brancura das fachadas com a vermelhidão dos telhados e uma das principais vantagens que tal pintura oferecia era de se poder fàcilmente renovar.

A côr da pintura variava entre o amarelo, côr de palha e o rosa pálido. Assim em geral o aspecto externo do casario mostrava-se alegre e asseado.

Quanto à distribuição interna das moradias, informa o pastor metodista aos leitores que eram elas construídas de forma a deixar área interna destinada ao arejamento dos dormitórios, sistema indispensável ante a praxe generalizada de se manterem fechadas com pesadas fôlhas as janelas que davam para a rua.

O andar térreo dos sobrados era raramente ocupado pelos cômodos de moradia, pois se destinava a lojas de comércio, cocheira e estábulo, generalização que nos parece singular, e mais adequada às casas das fazendas.

Nos segundos pisos notavam-se as salas de visitas e de jantar e as alcovas.

A sala de visitas mobiliava-se com maior ou menor luxo, naturalmente conforme as posses dos moradores. Mas o que em tôdas se encontrava era o indefectível sofá "com assento de palhinha e três ou quatro cadeiras dispostas em alas rigorosamente paralelas que, partindo de cada extremidade da primeira peça, projetavam-se em direção ao meio da sala. Quando havia visitas sentavam-se as senhoras no sofá e os cavalheiros nas cadeiras".

Realmente tal arrumação vigorou longamente em todo o Brasil. Em fins do século XIX ainda era o mesmo em todo o nosso interior.

Igreja do Rosário (1865). (Ap. original do Visconde de Tounay).

Chegado num sábado visitou Kidder, no dia seguinte, diversas das doze igrejas existentes na cidade, aí se incluindo as capelas dos conventos.

Entretanto eram elas, então, só no centro, quinze: a Sé Catedral, as duas igrejas franciscanas e as duas carmelitanas, as de S. Bento, do Rosário, S. Pedro, Misericórdia, Boa Morte, S. Teresa, S. Antônio, N. S.ª dos Remédios, S. Gonçalo dos Aflitos. Assim o Rev. Kidder mostra-se a tal respeito mal informado.

Ida Pfeiffer, a famosa *globe trotter* vienense, que passa por ter sido a primeira mulher realizadora de uma viagem circunavegatória do Globo, passou, em 1846, vinte e quatro horas em S. Paulo, a que consagrou as mais sumárias notas. Mal humorada devido a dificuldade de encontrar onde se hospedasse, dedicou pouca simpatia à cidade onde declara ter visto maior quantidade de casas bonitas que no Rio de Janeiro, guardadas as proporções entre o tamanho das duas cidades. Mas casas contudo destituídas de confôrto e de qualquer estilo arquitetônico

Achou-lhe as "ruas assaz largas mas excessivamente desertas". Ao silêncio geral reinante em tôda a cidade só interrompia o incessante ruído dos carros de boi causadores de infernal barulheira.

Os poucos transeuntes masculinos avistados traziam dois grandes mantos. Quanto às mulheres apresentavam-se envoltas nas largas voltas do pano dos rebuços.

James C. Fletcher, missionário protestante norte-americano, visitando S. Paulo, em 1855, deixou desinteressante relato do que aí viu numa cidade, "de ruas estreitas e não delineadas de acôrdo com qualquer sistema ou plano geral". Achou-lhe as calçadas igualmente diminutas e os leitos das vias públicas "pavimentadas com um conglomerado ferruginoso, muito semelhante ao velho arenito vermelho".

Poucos os prédios de pedra e muito numerosos os de taipa. Admirou-se da espessura das taipas, aliás capazes de receber belo acabamento. Cobertas tais muralhas por telhados salientes preservadores do efeito das chuvas ainda, apesar da ausência de tal resguardo, resistiam longamente à ação do tempo. Dizia-se que podiam durar mais de cem anos sem a menor proteção. Endurecidas pelo sol ficavam maciças como os tijolos, impenetráveis à água, sendo que a ausência das geadas lhes favorecia a estabilidade.

Declara Fletcher ter achado S. Paulo maior do que esperava. Suas casas com as goteiras pendentes davam-lhe aparência não muito diversa das de Vevey, à margem do Lago Lemano. Vários dêstes beirais surgiam enormes com cinco e seis pés de comprido (1,65 m a 1,98 m) dimensões que nos parecem exageradas. Davam ao conjunto das ruas um pitoresco de aspecto suíço. Os arredores da cidade lembravam-lhe paisagens da Borgonha, do Piemonte e do Northumberland. Afirma o missionário metodista ter sentido por S. Paulo "mais profundo respeito do que por qualquer outra cidade sul-americana que conhecera".

Em 1860 estêve em São Paulo o viajante português Emílio Zaluar que, em sua *Peregrinação à Província de São Paulo,* consagrou umas páginas escassas à transmissão de suas impressões da Capital paulista.

Impressões assaz desvaliosas, aliás. Começa por afirmar grave erronia sôbre o cômputo da população urbana que inculca como sendo de quarenta e seis mil habitantes quando teria certamente vinte mil almas menos.

Achou a cidade animada, com os hotéis repletos; industriosa e comercial, apresentando lojas elegantes e bem sortidas.

Mas, ao mesmo tempo, de vida muito monótona, habitada por gente taciturna, de modos esquivos, o que o nosso viajante atribuía a um resquício da influência jesuítica.

Dispunha São Paulo de ruas largas e bem calçadas e estava rodeada de elegantes casas de campo e deliciosas chácaras a que, contudo, se entremeavam feios casebres.

Três jornais diários se editavam na Capital paulista, onde o centro animador da vida espiritual e social era a Faculdade de Direito. Com a partida, em férias, dos estudantes, recaía a cidade em sua vida modorrenta, tristonha e monótona, de antanho.

A estas observações sumárias enxertou Zaluar uns tantos comentários, de mau gôsto pelo alambicamento das palavras e conceitos.

Em 1862, visitou S. Paulo um viajante francês, Frederico Houssay, que, anos mais tarde, imprimiu um livrinho de impressões escritas em linguagem piegas.

Gostou imenso da cidade a que atribuiu 46 000 habitantes. Gabando-lhe as ruas longas e espaçosas, as casas ornadas de balcões, as lojas bem sortidas de mil objetos de confôrto e de luxo, os belos jardins, vaticinou-lhe o mais brilhante futuro graças ao atavismo e ao espírito empreendedor dos paulistas.

Dominava muito bem o português e de tal se valeu para fazer um transunto da história de S. Paulo, digno de aprêço para um estrangeiro e a época.

Fala com gabos dos principais edifícios paulistanos entre os quais achou alguns muito belos.

O único reparo cáustico foi quanto à existência de um teatro em ruínas e outro desde muito inacabado. Notou grande movimento na cidade cujos hotéis encontrou repletos de estrangeiros falando numerosos idiomas. Mas a mais forte impressão que lhe valeu S. Paulo proveio do jardim da Luz, lugar paradisíaco onde passou incontáveis horas deliciosas, estranhando que êle vivesse absolutamente deserto. Em suma, reportagem sobremodo laudatória foi a que nos deixou Frederico Houssay.

Em 1860, visitou S. Paulo e o interior da Província o barão de Tschudi, ministro plenipotenciário da República Helvética no Brasil, notável naturalista e etnógrafo. Deixou de sua passagem valioso relato em sua *Viagem pela América do Sul.*

Chegara muito prevenido contra os paulistas por motivo dos conflitos entre fazendeiros e colonos, seus compatriotas, mas mostrou-se, em geral, bastante imparcial. Criticou às vêzes àsperamente mas também elogiou.

Rua da Imperatriz — Largo e Rua do Tesouro (1880).

Do aspecto da cidade escreve: "As ruas são geralmente planas e bastante largas mas em têrmo médio depressas e calçadas de grandes pedras irregulares. A maior parte dispõe de passeios. Das casas muitas são térreas mas grande parte tem sobrado com janelas adornadas de pequenos e bonitos balcões".

Das ruas a mais bonita era a Direita, onde se estabelecera o comércio varejista de artigos de luxo e onde se viam muitas lojas ricamente montadas.

Alguns grandes prédios de dois andares revelavam arquitetura de bom gôsto. Notável até chegava a ser a residência da Marquesa de Santos, "a Pompadour sul-americana".

Numerosas as igrejas e conventos mas em sua maioria sem o menor bom gôsto. Até a catedral não tinha valor algum arquitetônico. Apresentaria melhor aspecto se lhe dessem segunda tôrre. Os conventos não passavam geralmente de edifícios ao gôsto de quartéis dotados de tôrres, "às vêzes construídos com admirável irregularidade, não apresentando sequer as janelas da mesma fila a mesma altura, não se achando elas na mesma linha como ocorria no cenóbio de S. Teresa. De todos o mais vistoso vinha a ser o dos Carmelitas. O antigo colégio jesuítico, muito singelo, apresentava ao lado apertada e feia igreja. Ao palácio presidencial dava acesso mesquinha entrada assinalada por uma espécie de baldaquim.

Os demais edifícios públicos como, por exemplo, a residência espiscopal e o teatro não mereciam especial menção. Nenhuma fonte bela adornava as praças da cidade que aliás sofria sensível falta de boa água potável.

Cinco anos mais tarde, em abril de 1865, o Visconde de Taunay, então segundo-tenente de artilharia, incorporado à coluna expedicionária de Mato Grosso, em trânsito por S.

A Rua Direita em 1860. (Ap. original do Barão de Tschudi).

Paulo, achou a cidade pouco movimentada. Eram-lhe numerosas as rótulas, as igrejas pequenas e geralmente pobres, salvo quanto à Sé, muito ampla mas sem arquitetura alguma.

Pelas ruas avistava-se diminuto número de mulheres, geralmente cobertas por mantilhas de baeta preta.

Cidade de edifícios públicos pequenos, dos quais os mais notáveis vinham a ser os do Palácio do Govêrno e da Academia de Direito, apresentava ruas limpas e bem tratadas mas de calçamento defeituoso.

Notava-se grande animação provocada pelos trabalhos de Estrada de Ferro, a São Paulo Railway, que já trouxera grande afluxo de estrangeiros. Do progresso da Capital paulista, rápido nos últimos tempos, se augurava que a inauguração da linha férrea traria enorme desenvolvimento à Província.

O inglês William Hadfield, autor de pequena nomeada aliás, interessou-se muito pelas coisas da América do Sul. Escreveu acêrca de suas viagens em nosso continente três volumes, hoje raros.

No segundo dêstes livros, anotou as impressões que de S. Paulo teve em 1868; os trabalhos ainda não concluídos da São Paulo Railway muito e justamente lhe espicaçaram os pruridos do desvanecimento de ser britânico. Isto não impediu contudo de reconhecer o grande amparo recebido pela emprêsa por parte do então Barão de Mauá.

Um passeio pela cidade causava boa impressão; ruas boas e largas, pavimentadas com uma espécie de macadame, com passeios de grandes lajes, muito superiores às do Rio de Janeiro que, no entanto, estava muito bem calçado.

Diversas e belas igrejas, casas bem e substancialmente edificadas, vasto mercado novo, casas comerciais e lojas numerosas e largamente fornecidas de quanto exigiam as necessidades e o confôrto de uma cidade de entre 20 e 25 mil habitantes com hotel (o de Itália) — de tolerável confôrto.

Má impressão lhe causou, contudo, a mesquinhez das acomodações da Assembléia Provincial, em saleta apertadíssima onde para o público só existia uma galeria "miseràvelmente baixa".

O Jardim Público apresentava-se "tolerável". Nêle já se despendera larga soma mas faltava-lhe conserva, um dos maiores defeitos do Brasil e da América do Sul.

O teatro era vasto, quase do tamanho do famoso Covent Garden londrino. Embora inacabado, comportava quinhentos espectadores; dispunha de três ordens de camarotes e de galeria; na platéia reservada aos homens notavam-se confortáveis cadeiras de vime. Viu Hadfield que nos camarotes havia muitas senhoras bem vestidas.

A Penitenciária causou ao autor inglês admirável impressão como edifício, organização, manutenção e disciplina. Nela havia cento e vinte detentos, todos do sexo masculino, entre os quais muitos facínoras. Preparava-se uma seção para as mulheres. De S. Paulo partiu Hadfield após muito agradável permanência de algumas semanas.

Em novembro de 1870 a ela voltava não encontrando grande mudança na cidade, embora já se vissem umas tantas casas novas esparsas pelos arrabaldes. Observavam-se porém muitos melhoramentos recentes e a cidade estava notàvelmente asseada. Bons caminhos existiam para os subúrbios com excelente leito, onde outrora houvera caldeirões e mais caldeirões. Trabalhava-se para iluminar a cidade a gás e ia se reforçar o abastecimento d'água.

Não havia dúvida possível! Iria S. Paulo para a frente como capital de sua Província e centro ferroviário.

Notáveis os melhoramentos diários dos serviços da São Paulo Railway.

Largo incremento tomaria a imigração européia na "esplêndida província paulista".

Sôbre o S. Paulo imperial escreveu Francisco de P. Ferreira de Resende, cuja carreira de magistrado se encerrou no Supremo Tribunal Federal, algumas páginas interessantes.

Em 1868, desejando rever a cidade onde em 1855 se bacharelara em direito, relata que muito lhe haviam falado de seu progresso e prosperidade, decorrentes da inauguração da linha da São Paulo Railway. No entanto, daí lhe proviera uma desilusão: achara-a tal qual a deixara.

Em 1882, publicou *Junius* (pseudônimo atribuído ao Dr. Antônio de Paula Ramos Júnior, reputado causídico do fôro fluminense) o livrinho *Em São Paulo* com o subtítulo *Notas de Viagem*.

Declara ter querido estabelecer um confronto entre o S. Paulo de 1882 e o de trinta anos antes, quando se bacharelara, não tendo neste longo lapso visitado a Capital paulista que deixara com quatorze mil habitantes e encontrara com população superior a quarenta mil almas.

Teve a mais agradável impressão do progresso da cidade, outrora de ruas semidesertas e quase sem veículos, e agora dotada de linhas de bondes e dispondo de muitos carros públicos e particulares. Durante certas horas do dia já o incessante rodar de carros e carroças se tornava incômodo. "Ao antigo silêncio sucedera tal *concêrto*".

Falando do aspecto das ruas centrais, notou que muito "diverso se mostrava daquele de seus anos de acadêmico". Grupos de senhoras passeavam desacompanhadas dos chefes de fa-

Rua Direita, (1860). (Ap. original de Militão de Azevedo).

mília ou de qualquer outro homem. Fazendo compras, entravam nas lojas de modas, nas confeitarias, detinham-se em face das vitrinas, coisas sôbre as quais outrora jamais pensariam.

Muito menos tristonhas as modas, desaparecendo da rua a casaca. Aumentara enormemente a concorrência aos cafés e restaurantes. Passara a cidade, o antigo e silencioso S. Paulo, a ser "alegre, buliçoso, inquieto de visível animação", de movimento comercial, oferecendo todos os recursos e comodidades de que pudessem precisar seus habitantes e visitantes.

Imenso melhorara o comércio em seus "variados e lindos estabelecimentos, muitos dêles embelezando as ruas com as suas vitrinas onde se exibiam objetos de bom gôsto e subido valor".

Abundavam os restaurantes e agora eram inúmeros os hotéis quando trinta anos antes um único não existia. Um dêles até magnífico, o Grande Hotel, à rua de S. Bento. Em cidade alguma do Brasil haveria o que se lhe comparasse. Recordava os bons hotéis europeus.

As especializações comerciais cada vez mais se diferenciavam. As casas de fazendas finas e de modas, as joalharias, perfumarias multiplicavam-se causando a melhor impressão. Grande progresso também se notava no tocante ao serviço gastronômico facilitadíssimo, quase instantâneo quando outrora obrigava a grandes antecedências de fornecimentos.

Dos arrabaldes antigos, os da Luz, Sta. Cecília, Brás, Curros (Praça da República) ostentavam grande progresso. O bairro da Consolação era o único que conservava o velho e tristonho aspecto. O Chá, os Campos Elísios a estrada Vergueiro, em 1852, desertos, po-

Parte central da Rua Direita; parede lateral da Misericórdia. Casa do Regente Vergueiro. (Ap. original de Militão de Azevedo).

voavam-se muito, apresentando boas casas, algumas até de construção elegante. Grandes edifícios se haviam construído no centro urbano como o Seminário Episcopal, o Tesouro Provincial, o teatro São José, a Beneficência Portuguêsa, etc.

Tomara o movimento livresco grande incremento, convindo recordar acima de qualquer livraria, a da Casa Garraux, onde se encontravam novidades européias que ainda não haviam chegado à Côrte. Tornava-se verdadeira "agência da civilização" essa livraria do reputado bibliógrafo Anatólio Luís Garraux, cujo estabelecimento "deixava a perder de vista a antiga livraria do *Pândega*", espécie de alfarrabista que vendia livros de Direito geralmente de carunchosos praxistas e em cujas estantes não se encontrava um volume escrito em qualquer língua diversa do português.

Nada mais benéfico para a Religião Católica de que a atuação do grande bispo D. Antônio Joaquim de Melo, com a sua fundação do Seminário Episcopal, entregue à direção de notáveis capuchinhos franceses. As duas grandes figuras do clero paulistano eram então o Dr. Francisco de Paula Rodrigues, extraordinário orador, e o Padre Mestre Manuel Vicente da Silva, cuja inteligência e erudição já lhe haviam angariado grande reputação.

Notou Junius quanto os jardins paulistanos, que conhecera muito vulgares, andavam enriquecidos graças a floristas franceses.

Já se notava grande afluxo de estrangeiros na Capital paulista. Outrora se apontavam a dedo e agora formavam colônias numerosas.

"Havia poucos francezes, poucos alemães e poucos inglezes. Quanto a italianos não me recordo de ter conhecido algum". Já em 1882 eram êstes calculados em seis mil, entre os

quais seis médicos, um engenheiro de valor, arquitetos, sacerdotes, músicos, comerciantes, capitalistas, sem contar numerosos oficiais de ofícios vários.

Para a capital notava-se forte corrente imigratória de famílias ricas do interior da Província. Em suma, constituía S. Paulo o perfeito reflexo da prosperidade do seu "hinterland", oriunda da cultura cafeeira, cada vez mais extensa e intensa.

Prenunciava-se-lhe o mais próspero futuro. E comparando as reminiscências de 1852 às observações da hora presente de 1882 sintetizou Junius as impressões. Resumiu-as recorrendo a uma adaptação da famosa exclamação virgiliana, a estafada "Oh! quam mutata ab illa!" que conheci em minha mocidade".

Visitando S. Paulo, em 1883, deu Carlos von Koseritz, publicista teuto-brasileiro, por naturalização, assaz extensas impressões de sua estada, no interessante volume das *Imagens do Brasil*.

Achou a Capital paulista mais ou menos do porte de Pôrto Alegre. Contaria umas 35 000 almas.

"A cidade, que é das mais velhas do Brasil, escreve, tem o aspecto de tôdas as velhas cidades. Na parte antiga são as ruas estreitas, tortuosas, ligadas em tôdas as direções e interrompidas por uma quantidade de praças pequenas e irregulares, como, por exemplo, as da Sé e 7 de Setembro, a Municipal, o largo do Rosário e mesmo o largo de São Bento.

Há becos que não têm mais de 20 ou 30 passos de comprimento, pois casas ou igrejas levantadas no meio de uma rua os dividem. Em resumo, apresenta as características de tôdas as velhas cidades, evocando-nos os tempos em que não havia câmaras municipais com engenheiros e outros empregados no gênero.

A parte nova, que se estende, para o sul e para o norte, aquém do Anhangabaú, está regularmente construída, possui quarteirões bem desenhados, ruas largas e tem moderno aspecto.

Com o meu amor pelas velharias a antiga cidade me pareceu mais amável, ainda que possua demasiado número de igrejas, coisa chocante para um homem a elas pouco habituado. Com os seus 35.000 habitantes tem nada menos de 19 igrejas, sem contar várias outras e conventos hoje destinados a fins oficiais, como, por exemplo, o palácio presidencial. Pelos modos "havia em São Paulo uma igreja para cada dez casas"...

Era von Koseritz ardoroso anticlerical e não perdeu o ensejo para agredir o catolicismo a ponto de afirmar que em S. Paulo outrora houvera dezessete conventos reduzidos na época a quatro!

"Deve ter sido um paraíso para os jesuítas! E que igrejas! Edifícios enormes, construídos na sua maior parte de taipa, mas ainda de pé. E será difícil demoli-las, pois com o tempo a taipa empregada, e de qualidade especial, petrifica-se. No coração da cidade, em distância de três quadras, encontram-se sete igrejas, uma sempre olhando para a outra, e às vêzes nascidas aos pares, e tocando-se como os irmãos siameses."

A vida da capital concentra-se no *Triângulo,* formado pelas ruas de São Bento, Direita e da Imperatriz. A de São Bento, a mais importante da cidade, prolonga-se do largo do velho convento de São Francisco, no qual se acha a universidade (sic), à praça do mosteiro dos beneditinos. É estreita e não muito arejada; mas ali se concentra todo o comércio da cidade e a rua possui alguns belos edifícios como a esplêndida casa do dr. Antônio Prado e o grande prédio do "Grand Hotel", que o sr. Glette, do Rio, fêz construir.

Virando-se da rua de São Bento para a rua Direita, admira-se a grande animação, as vitrinas, etc. É uma rua bonita e larga, lembrando muito o Rio. Quiosques com bandeirolas,

Rua Direita (1862). Ao fundo, a Sé. (Ap. original de Militão de Azevedo).

anúncios coloridos em tôdas as paredes, grandes lojas, etc., dão-lhe um aspecto de grande cidade que não se nota nas outras. A rua de São Bento e a rua Direita são os dois catetos do triângulo retângulo cuja hipotenusa é a rua da Imperatriz, muito larga na parte inferior, mas depois estreita e bifurcada em uma quantidade de becos e bequinhos.

Rua aliás bonita com muitas lojas elegantes. No fim, bifurca-se em dois becos, dividida por uma igreja angulosa construída no meio.

Forma o Triângulo a parte mais animada da cidade, o local de passeio dos estudantes e o ponto de encontro de tôdas as personalidades de destaque. Quem pelo meio-dia ou à tarde passar nas três ruas encontrará todos os seus conhecidos, e se lhe falhar algum que vá então pelos estreitos becos até o largo do Rosário, de onde partem os bondes."

Dispunha São Paulo de bem organizado sistema de bondes. Assim como de água abundante e iluminação a gás. Embora pavimentada em quase tôda a extensão, sòmente nas ruas principais apresentava calçamento de paralelepípedos, como o do Rio de Janeiro. O resto utilizava pedras irregulares tendo nos passeios laterais grandes lajes de granito.

"Nas ruas daqui há mais ou menos tanta vida quanto em Pôrto Alegre", continua o jornalista.

"É São Paulo bela cidade, e sobretudo muito capaz de se expandir pois ainda lhe resta dez vêzes (sic) o espaço atualmente coberto por casas."

Viveu o Dr. Alfonso Lomonaco, médico milanês, uns dois anos no Brasil, de 1885 a 1887. Estêve algum tempo em S. Paulo no ano de 1886. Da cidade diz que apresentava certo movimento e atividade material, contando então seus cinqüenta mil habitantes.

Concentrava-se-lhe o movimento no pequeno Largo do Rosário e nas ruas contíguas de São Bento e da Imperatriz. Avultava das cinco às sete da tarde — quando a passeio saía a população, após o jantar.

Dos aspectos urbanos da Capital paulista pouco se ocupou o viajante que descreveu impressões de visita ao palácio do Ipiranga, "soberbo monumento", à Faculdade de Direito, aos arrabaldes de Vila Mariana e Santo Amaro.

Era então S. Paulo "tranqüila e alegre cidade" a que se prenunciava, como aliás à Província de seu nome, notável e rápido progresso.

Já começava a haver vida noturna na Capital paulistana.

Não se destaca em geral aliás o Dr. Lomonaco pela benevolência para com o Brasil e os brasileiros acêrca de quem escreveu muitas páginas acerbas, injustas e justas.

Em 1888 e 1889, visitou o Brasil o publicista francês Alfredo Marc, daí resultando o seu *Le Brésil,* obra referta de informações abundantes geralmente honestas e independentes.

De S. Paulo conta que teria uma população de 60 a 65.000 habitantes. Brevemente contaria 100.000 almas tanto crescia.

Na cidade antiga dominava o cunho colonial ou português "francamente abominável". "Em S. Paulo, como aliás no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, impossível seria conceber-se coisa que tanto contrariasse o bom gôsto, a estética, o clima e o quadro da natureza ambiente. Constituía desafio lançado ao bom senso por ininteligentes rotineiros construtores de edificações malsãs e incômodas, cujo jugo tão pesadamente pesava sôbre a higiene das cidades brasileiras."

No Rio enorme se apresentava o contraste entre a horrível cidade colonial e os bairros novos. Em S. Paulo tal heterogeneidade, embora menos brutal, não deixava de ser flagrante. A cidade moderna muito melhor planejada, melhor compreendida, dispunha de espaçosas ruas e construções arejadas. As casas ali infundiam aspecto de abastança e confôrto, os edifícios públicos luxuoso aspecto, de acôrdo com a situação eminentemente próspera da Província.

Mesmo em tôrno dos casarões coloniais melhorava o ambiente.

Assim o Palácio do Govêrno dava para bonita praça embelezada por um jardim inglês. Construíam-se o Tesouro, edifício de grande estilo, o Monumento do Ipiranga, legítima obra de arte grandiosa, e o soberbo viaduto do Chá.

Em 1920, procuramos evocar os aspectos da Cidade de S. Paulo, em 1841, por meio de grande *maquete* que lhe abrangesse o centro urbano e destinada à exposição pública no Museu Paulista, onde se encontra.

Recorremos aos serviços do hábil modelador holandês, Henrique Bakkenist, e dois anos estivemos a guiá-lo neste trabalho para o qual aproveitamos tudo quando puderamos reunir em matéria de fontes de consulta topográfica e iconográfica.

Com o fito de obter a mais fiel representação do relêvo do solo, utilizamo-nos dos dados da Diretoria de Obras da Câmara Municipal de S. Paulo. E seu nivelamento forneceu as cotas aproveitadas para a escala vertical.

Sôbre o terreno, assim figurado, foram locados terrenos e casas de acôrdo com as indicações da primeira carta cadastral da cidade, a de 1841, de autoria do engenheiro Carlos Augusto Bresser, mapa cujo original encontráramos no arquivo do Ministério da Guerra.

Aumentado na escala de 1 para 170, permitiu a localização de casa por casa, no perímetro figurado pelas atuais rua Florêncio de Abreu, largo de São Bento, rua Líbero

Rua Direita e Igreja de S. Antônio (1862). (Ap. original de Militão de Azevedo).

Badaró, ladeira e largo de São Francisco, rua do Riachuelo, praça João Mendes, ruas da Tabatingüera, do Carmo, largo do Palácio, ruas 15 de Novembro e da Boa Vista.

A isto, por assim dizer, se reduzia a cidade, em 1841, com os seus escassos vinte mil habitantes.

Quanto ao aspecto das construções, para o dos principais edifícios valemo-nos das estampas que acompanham a planta de Rufino Felizardo, de 1841, das aquarelas e desenhos inéditos feitos de 1835 a 1845, como os de Miguel Arcanjo Benício da Anunciação Dutra e, de 1858 em diante, da coleção assaz avultada de excelentes fotografias, tiradas pelo primeiro fotógrafo de São Paulo, Militão de Azevedo, as vistas dos viajantes inglêses Stuart e Prior, em 1851 e 1855, do americano Fletcher, em 1853, além de mais de uma centena de fotografias antigas da grande coleção mandada organizar para a Prefeitura de São Paulo, pelo Dr. Washington Luís, então governador da capital paulista, e dos acervos de diversos colecionadores como o da ilustre dama paulista D. Olívia Guedes Penteado.

Nem sempre há perfeito sincronismo entre os diversos aspectos do casario da cidade, de que foram reproduzidos uns mil prédios.

Segundo o critério corrente em tentâmens desta natureza, fêz-se para cada trecho o aproveitamento do mais antigo documento conhecido.

Para ruas inteiras a iconografia existente permitiu a reprodução da facies arquitetônica.

Em outros pontos as únicas indicações que foi possível obter provieram da circunstância de existirem, aqui e ali, casas térreas ou de dois pisos.

AS RUAS PRINCIPAIS DE SÃO PAULO

ABERTOS os primeiros arruamentos quinhentistas na exígua área central, a cavaleiro do Tamanduateí e do Anhangabaú, foram êles respeitados, por assim dizer, até os nossos dias. Do "Pátio do Colégio", antigo Largo do Palácio, partia, rumo ao sul, pela atual rua do Carmo, o "Caminho Velho do Mar", em direção ao Ipiranga e a Santo André.

A diretriz da atual rua Direita, então apelidada de Santo Antônio, era a do caminho que, descendo ao vale do Anhangabaú e galgando o Piques, demandava Pinheiros, Parnaíba e, mais tarde, Itu, então bôcas de sertão. A espinha dorsal da vila do campo de Piratininga, se nos é permitida tão estafada comparação, constituía a atual rua de S. Bento.

Em nenhum documento quinhentista se lê nome algum de rua do pequenino azemel fundado em 1554.

Com a máxima desenvoltura abriam os primeiros moradores, quando bem lhes parecia, covas pelas ruas e becos, ou, quando o trânsito os incomodava, barravam as vias públicas. Verdadeira desordem reinava na tortuosidade das travessas e dos becos afeiadores do centro como ainda, em 1887, observaria A. Marc.

Na sessão de 17 de junho de 1593, pedia à Câmara o procurador Francisco Martins que ordenasse a Susana Dias o entupimento "de duas covas que estavam na praça, feitas por seu filho Francisco Dias". Achavam-se nesta ocasião "alguos bequos e covas destapadas em perjuizo da villa". Convinha e quanto antes providenciar neste sentido. A mesma Susana Dias entendera abrir beco através de terrenos seus, mas sem licença da Câmara.

Muito maior abuso cometera Álvaro Nunes. Sem dar, a quem quer que fôsse, a menor satisfação, interditara o trânsito por determinada rua. Suas mercês, os oficiais da Câmara, ordenaram-lhe, então, que a "mãodase destapar", atendendo à servidão pública desde muito estabelecida.

Desde os primeiros anos empenhou-se, a Edilidade, sobremaneira, para que lhe fôsse demarcado rossio e esta aspiração se realizou no triênio de Pedro Colaço, locotenente do donatário Martim Afonso de Sousa (1571-1573), tomando feitio verdadeiramente legal no govêrno do Capitão-General Rodrigo César de Meneses, em 1723.

As mais antigas cartas de data de terrenos municipais, até hoje divulgadas, são as de António de Proença e João Messer Gigante. Procedem de 1583. Redigem-se quase invariàvelmente pelas mesmas normas. Pede o morador "uma pouca de terra, a qual não a tem, onde possa fazer quintal e bemfeitorias". Alega quase sempre ou ser casado com filha de povoadores, ou ter muitos filhos e filhas a sustentar, desejando estabelecer-se, definitivamente, em S. Paulo, ou a aí estar a morar desde muito, sem haver ainda regularizado os títulos de posse da terra ocupada.

Rua Direita. Igreja de S. Antônio e casa do Barão de Itapetininga (1862).

Quando os índios começaram a fazer correrias pelos arredores da vila, vários moradores do campo pediram prazos no recinto protegido, aliás muito exíguo. Assim sucedeu a João de Sant'Ana, em 1592, candidato a "cinco braças craveiras com o quintal necessário, por ser mui necessario recolherem-se os moradores à vila por respeito de se estar em guerra".

Alegavam muitos requerentes uma permanência de dezenas de anos, sem que lhes fôssem passados títulos de regularização da posse dos seus chãos, quando, no entanto, haviam "ajudado a sustentar a villa", através de numerosos "periguos e frechadas", testemunho e reminiscência do alvorôto e sobressaltos da existência nas primeiras décadas da vida piratiningana, freqüente, se não constantemente, ameaçada pelos indígenas.

Não é certamente a uma vila do século XVI, no longínquo Brasil que amanhecia para a civilização, que se deva recorrer para encontrar bons exemplos a respeito de normas arquitetônicas e preceitos de urbanismo. Ciência aliás desconhecida em todo o Globo, convém lembrá-lo. Ainda assim é de admirar que no arraial piratiningano tomasse a Câmara providências sôbre arruamentos e edificação de casas quando, consoante o espírito do tempo, tudo poderia deixar entregue ao arbítrio absoluto dos moradores, num livre vicejar de construções, rumos e divisas.

No bom caminho do progresso e da ordem, a 12 de maio de 1594, formalmente proibia a Câmara que "ninguem armasse casa nem alicerçase sem sua permissão", sob pena de cinco cruzados de multa. E ao mesmo tempo, promulgando outra deliberação útil e já reveladora de certa cultura de espírito, condenava o corte de pinheiros, sob pena de quinhentos réis de multa. Quem diria que no Brasil quinhentista cuidasse alguém de proteger ár-

Demolição da antiga casa do Barão de Itapetininga para a construção do Viaduto do Chá. (Coleção do Museu Paulista).

vores, quando em nossos dias ninguém se lembra, quase, de as salvaguardar, até quando se trata de espécimes da mais alta valia?

Já para o fim do século XVI ia a vila tomando melhor aspecto: às cobertas sombrias e mesquinhas de sapé substituíam-se os alegres e rubros tetos de telha. Cogitava-se da matriz e fizera-se o paço municipal. O colégio jesuítico destacava-se na sua "majestade" arquitetônica, relativa, no conspecto dominado pelo grande cruzeiro de que fala Fernão Cardim. Já em 1594 tinha a vila sobrados!

Que diferença do novo edifício jesuítico para a misérrima choça dos anos da fundação! Essa "casa com oito comodos de sobrado, forrados e suas oficinas bem accomodadas! Edificio novo, feito de taipa; ladeado de egreja embora não muito grande".

Pouco depois, conta-nos uma escritura de 1594, levantava o patriarca Domingos Luís, o Carvoeiro, um correr de casas altas de sobrado, em frente à matriz.

Para auxiliar os construtores fizera a Câmara uns taipais, nada menos de sete, que alugava aos particulares à razão de cem réis cada um.

Com grande afã desde muito procurara fixar na vila oleiro, fabricante de telhas, que, com a sua arte rude, representava, contudo, importante fator de civilização e confôrto.

Com os préstimos de Cristóvão Gonçalves começou o sapé a desaparecer dos tetos da vila, que com isto muito se "ennobreceu".

No fim do século, a 19 de janeiro de 1599, recomendava a Câmara aos "telheiros" que fizessem suas telhas de um tipo só.

A sumária cinta de muros, a "cerqua da vila", que em julho de 1562 tamanho serviço prestara como broquel dos civilizados contra a furibunda investida dos índios das hostes de Araraí e Jaguanharo, esta, em 1576, "estava denificada e estava caindo". Em 1583, o procurador João Maciel reclamava: "mandassem Suas Mercês prover sôbre os muros que estavam caidos e descobertos. E cada ano que passava tudo ia devoluto".

Rua de São Bento (1862). A casa à direita foi do Brigadeiro Luís Antônio de Souza e depois do seu filho, Barão de Souza Queiroz. (Original de Militão de Azevedo).

Em 1590, existia, ao que parece, segunda cinta, como obra avançada daquela sumária castrametação de rudes taipas.

Talvez haja S. Paulo entrado no século XVII ainda cintada, a lembrar o aspecto de praça de guerra medieval, como o fôra sua efêmera precursora, Santo André da Borda do Campo, onde João Ramalho construíra baluarte e cavalgara artilharia, no dizer dos cronistas.

Aliás nunca em S. Paulo houve grande zêlo pela conservação das muralhas. Já em 1575 reclamava o Procurador do Conselho contra três povoadores que haviam "aberto buraquos nos muros e portas que hera grande perjuizo cair os ditos muros". Decidiu-se a Câmara a intimar aos faltosos "tapacem as ditas taipas de taipa de pilão cõ pena de quinhentos reis para o cõnselho!.

Um dos atingidos alegou então que "havia o baluarte cahido desde quatro anos", como despacho recebendo: "Não pode ser provido o supte. do q. perquãto he necesario ficar a vila cerquada". Em 1583, ameaçava a Câmara queixar-se dos jesuítas do Colégio ao Visitador da Companhia, por haverem derribado um lance de muralha.

Na vila minúscula de cento e cinqüenta moradores eram os principais alinhamentos quinhentistas as futuras ruas de S. Bento, Direita, do Carmo, da Tabatingüera. Sôbre o vale do Anhangabaú nenhuma corria, a cavaleiro abaixo da de S. Bento, pois a de S. José, Líbero Badaró, hoje alargadíssima, data de fins do século XVIII.

A mais antiga referência de nome de via pública parece ser a que nos vem de Frei Gaspar da Madre de Deus, quando conta que a rua de São Bento chamara-se primitivamente de Martim Afonso.

Em 1629, dá-lhe um inventário o nome de rua "Direita de São Bento". Em 1637, menciona-se o "Terreiro do Colégio", hoje chamado Pátio do Colégio.

A rua Direita surge, na documentação seiscentista, encontradiça.

É corrente a galhofa que se faz no Brasil a propósito das nossas numerosas ruas Direita, sempre tortas. Ignoram os reparadores as variações da semântica. Direita não queria dizer retilínea e sim simplesmente "em direção a" ou melhor "direta". Daí as referências "rua direita que vai para o Carmo", "rua direita da Misericórdia para Santo Antônio". Já no segundo quartel do século XVII lêem-se alusões à rua Direita de Santo Antônio.

Nos velhos papéis muito vagas se mostram as localizações de vias públicas, fato natural em tão pequena e desordenada aglomeração urbana.

Era o fenômeno natural, próprio dos lugarejos. Lembra-nos isto a expressiva historieta de um dos nossos escritores que se espantara de encontrar numa vila de antanho a principal via pública com a designação universal de "lá de casa". Provinha tão esdrúxula denominação do hábito em que todos estavam de ouvir o chefe político local, homem do maior prestígio por longos e longos anos, a falar daquela rua como a "lá de casa".

E esta singeleza nos recorda outra quinhentista referida por um de nossos clássicos ao referir que certo vassalo escrevendo a D. Manuel, o Venturoso, assim endereçara a sua missiva: "A El-Rey meu Senhor, em seus Paços da Ribeira, junto às casas de Manuel João, açougueiro".

A principal rua paulistana, hodierna 15 de Novembro, chamava-se no século XVII, consoante Azevedo Marques, de Manuel Pais de Linhares, conspícuo repúblico dessa época. Passou depois a ser a rua de N. S.ª do Rosário naturalmente após a construção da igreja dêste nome, que a barrava, e da Imperatriz.

Uma das mais velhas vias, a atual José Bonifácio, a princípio se intitulava "do Senhor Governador", em lembrança de seu ilustre morador seiscentista D. Francisco de Sousa. Passaria no século XVIII a ser denominada do Ouvidor em lembrança do Dr. Antônio Luís Peleja, instalador da Comarca de S. Paulo, em 1701, e personagem aliás, muito mal afamado. Conta-nos Azevedo Marques que o nome da rua atual da Quitanda era no século XVII de Francisco Cubas.

A atual Álvares Penteado e anteriormente rua do Comércio teve os nomes de "da Misericórdia", "Direita da Misericórdia", de "que vai para a Misericórdia" ou da "Misericórdia para S. Bento", segundo nos informam os inventários.

Inúmeras as designações das antigas ruas pelas de seus mais conspícuos moradores.

Assim, uma das vias seiscentistas recorda Francisco Nunes da Siqueira, cognominado o *Pai da Pátria,* o pacificador das lutas civis seiscentistas, outras os nomes de bandeirantes famosos como Matias Cardoso de Almeida, o Padre Mateus Nunes de Siqueira, Simão Álvares, etc. E um beco rememora a mulher mais célebre do nosso seiscentismo, a famosa *Matrona,* a belicosa Inês Monteiro de Alvarenga, graças a quem se batizou o "beco de Inês Monteiro".

Nesta infixidez causadora da maior indeterminação muitas dessas vias públicas sem denominação especial ou oficial mudavam de nome desde que se realizavam transferências de propriedade. Assim determinado beco, em princípios do século, seria o de Manuel de Carvalho para daí a uns tantos anos passar, por exemplo, o de João da Costa ou do Padre Ascenso.

Ao conjunto das três ruas atuais de S. Bento, Direita e 15 de Novembro, dá-se desde muito o nome de Triângulo, denominação datada de meados do século XIX. Muito mais

Largo do Rosário e Rua de São Bento (1880).

exato seria designá-lo por polígono, pois polígono, e irregular, é o que representam os seus diversos alinhamentos.

Nada mais impróprio do que a qualificação de Koseritz à rua da Imperatriz, hoje 15 de Novembro, a de hipotenusa, visto como no pseudo triângulo retângulo só existe um cateto, sendo o inexistente segundo uma linha quebrada.

Ao cruzamento, em ângulo reto, das ruas Direita e São Bento, dava-se outrora o nome de "Os Quatro Cantos", denominação que vem desaparecendo desde a criação da Praça do Patriarca.

A ausência de pedreiras próximas fêz com que os paulistanos edificassem casas de taipa de pilão.

No século XVII já iam avultando os sobrados. Os velhos inventários não nos permitem avaliar qual seria a planta dos prédios com as suas câmaras, camarinhas e recâmaras. Raros os assoalhados e mais raros os de cômodos forrados. Generalizadas as casas de pisos de terra socada.

À Rua Direita iria, desde o século XVII, caber aristocrática proeminência cada vez mais acentuada, superioridade que atingiu o máximo nas primeiras décadas da era novecentista.

Nela residia Amador Bueno, o *rei dos paulistas,* por volta do ano de sua aclamação, tão cabalmente por êle repelida; Pedro Taques de Almeida, capitão-mor da capitania, e seu genro, o ilustre Bartolomeu Pais de Abreu, o ideador da descoberta de Goiás, a cuja casa assobradada tomaram credores.

Assim também sucedera ao perseguidor tenaz do bandeirante, o mais que famoso e audacioso peculatário do velho S. Paulo colonial e um dos maiores do Brasil, o aventureiro Se-

O Largo de São Bento (1880).

bastião Fernandes do Rêgo, despojador dos irmãos Leme, substituidor do ouro dos quintos reais por chumbo de caça e adulterador dos cunhos da Real Casa de Fundição da qual era o provedor.

Realizador de enormes bens obtidos pelo peculato e a malversação, que permitiram à Corôa um confisco de oitocentos mil cruzados, soma para a época imensa, dispunha da melhor casa da rua e da cidade, ao morrer, em 1741. Verdadeiro palacete para o S. Paulo da época. Nela havia no sobrado "dous salões", duas alcovas e uma entre-sala, além de três camarinhas de cada parte, cozinha e refeitório. Nos "baixos" se acomodavam os serviçais e a despensa.

Casa avaliada em 2:754$000, numa época em que a Real Fazenda adquirira por dois contos de reis o palácio dos Capitãis-Generais Governadores da Capitania.

Em princípios do século XVIII, na rua Direita nasceram dois dos mais ilustres paulistanos, de nomes famosos na história de nossas letras: Matias Aires, o notável ensaísta das *Reflexões Sôbre a Vaidade,* e sua irmã, Teresa Margarida da Silva e Orta, a autora das *Aventuras de Diófanes,* o primeiro romance escrito por brasileiro.

O recenseamento de 1767, procedido por ordem do Morgado do Mateus, demonstra-nos a primazia da Rua Direita. Nela residiam os homens de negócio forte e mercadores de grosso trato, e os homens mais ricos da cidade como José Rodrigues Pereira e Francisco Pereira Mendes, cujos capitais subiam a vinte e oito e a vinte contos de réis. Francisco de Sales Ribeiro (8:000$000); Lopo dos Santos Serra, genro do opulento Luís Rodrigues Vilares, capitão-mór das Minas de Mato Grosso e possuidor da 6:400$000. Prosperaria êste homem

notàvelmente, deixando grandes haveres aos filhos, o Brigadeiro Francisco Xavier dos Santos e o Capitão-Mór de S. Paulo, Joaquim José dos Santos, a seu turno genro de Francisco Pereira Mendes.

Dêste Santos era filho o Barão de Itapetininga, um dos maiores capitalistas do seu tempo, no Brasil, cuja fortuna ainda se representa no centro de S. Paulo por notável área.

Entre outros grandes capitalistas da Rua Direita vemos figurar o afamado causídico Dr. Luís de Campos, cujos bens atingiam a 7:700$000. Enriquecera pelo casamento com a viúva do opulento licenciado Manuel José da Cunha. A êle a cada passo recorria o Senado da Câmara em momentos de aperturas financeiras.

Ainda na Rua Direita viviam representantes altamente afortunados dos povoadores primevos da cidade e da capitania como o Coronel Francisco Pinto do Rêgo, genro do Capitão-Mor José de Góis Morais, um dos que mais souberam aproveitar as "grandezas das fabricas mineraes" do ouro nos primeiros anos das Minas Gerais; D. Escolástica Maria de Matos, dona viúva, largamente abastada, etc., etc.

Não havia têrmo de comparação entre a importância financeira dos moradores da Rua Direita e a dos habitantes da "rua do Canto da Sé até o Rozario dos Pretos", hoje 15 de Novembro, onde o homem mais afortunado vinha ser o advogado Dr. João de São Payo Peixoto, avaliador dos próprios cabedais em apenas 600$000.

Na Rua de S. Bento existia outro abastado capitalista, Francisco Monteiro de Gouveia senhor de seis contos de réis.

Aqui e acolá residiam outras pessoas de posses e situação social relevante, como o mercador António Martins de Almeida e o boticário Sebastião Teixeira de Miranda na Rua do Canto da Lapa (hoje Álvares Penteado).

Na Rua da Cadeia residia a dona viúva septuagenária, senhora da terceira fortuna da cidade, D. Maria Leite da Silva, possuidora de dez contos de réis.

Na sua vizinhança vivia D. Mariana Caminha, a viúva de Sebastião Fernandes do Rêgo, em companhia da única filha. Das roubalheiras enormes do marido restavam-lhes, apenas duzentos mil réis de cabedal. O recenseamento de 1783 a arrolaria como uma das centenárias de S. Paulo.

À rua "do Canto do Cirurgião Fonseca até o beco de S. Teresa" tinha residência a maior notabilidade intelectual da cidade, o grande linhagista da gente de S. Paulo, Pedro Taques de Almeida Pais Leme, sargento-mor da ordenança, tesoureiro da Bula da Santa Cruzada, viúvo sem filhos, e homem então de largos haveres (3:200$000). Em sua companhia tinha sua mãe, octogenária, duas irmãs solteiras, um irmão simplório, e ainda uma irmã viúva do ilustre bandeirante de Mato Grosso e Goiás, o mestre de campo Manuel Dias da Silva.

Possuía o bloco mais de cinco contos de réis.

Em sua vizinhança encontrava-se estabelecido o boticário José Antônio de Lacerda, pai do futuro e ilustre geógrafo, astrônomo, explorador do sertão americano e do africano, Lacerda e Almeida, o primeiro cientista nascido na cidade paulistana.

Nas nossas velhas cidades uma das principais preocupações dos habitantes era que em suas respectivas ruas houvesse pelo menos uma igreja, ou simples capela que fôsse.

Não podia São Paulo escapar a êste imperativo da piedade colonial.

Em suas principais ruas surgiram os templos desde os primeiros anos.

Assim a Rua Direita que desembocava em face da matriz, mais tarde Sé Catedral, contou duas — a da Misericórdia, que desapareceu, e a de Santo Antônio, que existe. A rua do

Aclamação de Amador Bueno (1641). (Quadro de Oscar Pereira da Silva).

Rosário, balizaram dois templos, a Sé e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A de São Bento tinha nas duas extremidades a que lhe dava o nome e as de São Francisco e no meio a capela da Lapa.

A igreja de N. Senhora do Rosário, fronteira à rua de seu nome, começou a erguer-se em 1725, graças as esmolas obtidas nas Minas Gerais pelo ermitão Domingos de Melo Tavares. Do território aurífero trouxera dez mil cruzados e, em 1745, nomeou-o o bispo do Rio de Janeiro administrador perpétuo da sua fundação. Mais tarde foi esta entregue à irmandade de N. S.ª do Rosário dos Homens Pretos cujo compromisso data de 1810. Desde 1758 estava a igreja sob a guarda de Irmandade dos Homens Pretos de S. Ifigênia e Santo Elesbão que em 1801 se transferiu à sua capela em S. Ifigênia.

Durante longos anos ali se realizaram as muito concorridas solenidades do mês de Maria e do Rosário e à noite, aos domingos, a devoção do têrço.

Por trás da Igreja havia o cemitério da Irmandade e umas casinhas de seu patrimônio desapropriadas, em 1872, desaparecendo então o estreito "beco torto" que ligava a Rua do Rosário à de S. Bento. Criou-se, em 1874, por iniciativa do presidente João Teodoro Xavier, o largo do Rosário onde se ergueu um chafariz. Em 1903, a Câmara Municipal novamente aumentou o Largo do Rosário, desapropriando a velha igreja do Rosário e casas contíguas para a formação da atual Praça Antônio Prado.

A atual igreja de Sto. Antônio da Rua Direita data de 1717, ano em que se reedificaram devotos do grande santo lisboeta. Antes dela existia uma capela que serviu de matriz por algum tempo e depois caiu em ruínas. Êste antigo templo erguera-se em fins do século XVI, em 1592, como se depreende do testamento de Afonso Sardinha, segundo Azevedo Marques. Antiga tradição refere que ali foi o primeiro ponto de fixação dos franciscanos em S. Paulo antes de definitivamente se estabelecerem no Largo de S. Francisco.

Ao se instalar o bispado achava-se a igrejinha em verdadeiro estado ruinoso, sendo reparada a instância do primeiro bispo, D. Bernardo Rodrigues Nogueira. A irmandade de N. S.ª dos Homens Brancos ali se erigiu em 1724.

Da igreja de S. Antônio existe o mais velho documento iconográfico paulistano relativo ao interior de igrejas. O desenho que de sua pequena nave deixou Hércules Florence, em 1826, é anterior a qualquer outro, até da própria Sé Catedral e do Colégio.

Da Igreja da Misericórdia não se sabe quem haja sido o fundador. Já existia, em 1703, diz-nos E. Martins. Na pequena escadaria que lhe dava acesso pelo Largo da Misericórdia reuniam-se à noite vendedores ambulantes de doces, biscoitos, pastéis, e outras pequenas quitandas. Em altas vozes, conta-nos o mesmo autor, apregoavam suas vendagens. Eram na maioria escravos, de famílias que viviam dêsse pequeno negócio de seus "pretos de ganho".

Em suas preciosas *Recordações* refere-se Vieira Bueno ao que viu nos anos de sua mocidade, no segundo quartel do século XIX.

A 2 de julho, ano por ano, celebrava-se na igreja da Misericórdia a festa da padroeira, a Rainha Santa Isabel.

"Da dita Igreja saía à tarde em procissão a Irmandade vestindo os irmãos balandraus de sêda preta conduzindo à frente do préstito um painel representando a visitação de Santa Isabel, para ir percorrer o seu hospital", naquele dia franqueado ao público, conforme a antiga praxe portuguêsa.

Era então a única instituição paulistana que mantinha um nosocômio.

Na Rua Direita localizavam-se muitos dos mais consideráveis prédios residenciais da cidade na era imperial. Nela se notava à esquina da Rua do Rosário em diagonal para a Sé Catedral o sobradão setencentista do Barão do Tietê e na face oposta o do Comendador Cantinho. No centro da rua o do Regente do Império, Nicolau Vergueiro, mais tarde pertencente a seu filho o Visconde de Vergueiro.

À esquina de São Bento, nos "Quatro Cantos", os casarões fronteiros do Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão e do Barão de Iguape. E à extremidade da rua e a ela perpendicular com a fachada no alinhamento da rua de São José (Líbero Badaró) o prédio não menos avantajado do "Cadete Santos", Barão de Itapetininga.

No ano da Independência coube à Rua Direita excepcional importância durante os meses de maio a agôsto. Nela se situava o sobrado do Coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós, o chefe do movimento anti-andradista, que a Martim Francisco e ao Brigadeiro Jordão depôs do govêrno, de combinação com João Carlos de Oeynhausen. Neste prédio realizaram-se os conciliábulos dos conspiradores que levaram a efeito a famosa *bernarda* de 23 de maio de 1822. E durante uns cem dias passou o local a ser como que o quartel-general dos *bernardistas,* até a chegada a S. Paulo do Príncipe Regente Dom Pedro em vésperas de Sete de Setembro.

Na Rua Direita funcionou durante algum tempo o Banco Mauá. Afirma Egídio Martins que a ruína dêste famoso estabelecimento de crédito, em 1875, causou enormes danos à economia provincial, "começando d'ahi em deante o povo paulista a não querer guardar em

Partida da bandeira de Fernão Dias Paes (1673) (Quadro de Antônio Luis Gagni no Ginásio Estadual Fernão Dias Paes).

bancos o seu dinheiro empregando êste na aquisição em diferentes bairros de terrenos e neles construindo bonitos prédios".

Situou-se também durante longos anos uma das mais velhas tipografias da Cidade e do Estado, a do *Livro Verde,* fundada pelo alemão K. Knösel, que depois a transferiu a seu compatriota Jorge Seckler, tornando-se durante decênios uma das mais reputadas nos fastos antigos das artes gráficas em S. Paulo.

À esquina da Rua 15 de Novembro, no Largo do Tesouro, existiu durante longos anos o mais alto prédio da cidade, com um piso térreo e três de sobrado. Segundo Egídio Martins sua construção se deveu a um despique entre o comerciante Domingos de Paiva Azevedo e seu vizinho fronteiro Felizardo Cavalheiro e Silva.

Interpelado êste pelo negociante: — Então está fazendo o seu sobrado? — respondera-lhe: — Estou! Isto é para quem tem ânimo! Ao que retrucara Azevedo: — Ah?! É para quem tem ânimo? Pois vai ver um outro de três andares. Dois anos gastou na construção do seu modesto arranha-céu.

No Largo da Misericórdia erguia-se o chafariz do mesmo nome, a primeira grande fonte pública da cidade, digna de tal nome, construída a expensas de subsçricão promovida, à valentona, pelo Capitão-General Bernardo José de Lorena, em 1792.

A sua construção e a da respectiva rêde alimentadora dirigiu o oficial do Real Corpo de Engenheiros, João da Costa Ferreira, o mesmo a quem se deveu o empedramento do Caminho do Mar no trecho serrano, a chamada Calçada Lorena.

O vetusto chafariz foi removido, em 1886, para o Largo de Sta. Cecília onde, em 1903, o desmancharam dispersando-lhe as pedras.

Em tôrno dêle, durante muitas dezenas de anos aglomeraram-se diàriamente os serviçais transportadores de água potável para os prédios de seus amos. Daí se originaram freqüentes e por vêzes graves conflitos como documentam caricaturas de meados do século XIX como as de Ângelo Agostini.

Lembra Egídio Martins um ofício de Bernardo de Lorena à Câmara Municipal, datado de 14 de junho de 1792, a explicar por que mandara levantar o "Plano Topográfico da Cidade": É tão grande a irregularidade que se encontra em quase tôdas as ruas desta Cidade que não pode ter emenda sem a destruir, ainda para se formar um projeto para a continuação de novas ruas com arte é bastantemente dificultoso por ser a Cidade uma península formada pelo rio e um ribeirão que corre em um pantanal, certamente muito nocivo à saúde do Povo, sendo o outro lado um terreno montuoso e desigual".

O aspecto das principais ruas paulistanas manteve-se, a partir de 1822, quase inalterado durante mais de meio século, afirma A. Egídio Martins. As primeiras transformações em prol de seu melhoramento deveram-se ao presidente da Província João Teodoro Xavier (1872-1875). Homem excêntrico cuja memória é recordada, freqüentemente, em virtude de esdrúxulas decisões e atitudes, mas cheio de qualidades de bem inspirado administrador.

Em 1874, assinalava a imprensa que a Capital paulista havia trinta anos entregue a si própria e onde havia indispensáveis e urgentes melhoramentos a realizar-se, nêle encontrara atento observador de suas necessidades.

Operara na facies de S. Paulo completa transformação, abrindo novas ruas, aformoseando vários lugares da cidade, construindo importantes edifícios públicos, num afã de infatigável zêlo. Fora João Teodoro o primeiro a realizar obras de embelezamento da várzea do Carmo, fazendo "de um bairro infeto e miasmático ameno e lindo arrabalde onde a po-

Chegada dos despojos mortais de Fernão Dias Paes ao seu jazigo de São Bento, trazidos do sertão de Paraupava por Garcia Rodrigues Paes, filho do Governador das Esmeraldas.
(Ap. original de Joaquim da Rocha Ferreira).

pulação da cidade encontrava aprazível passa tempo", escrevia, em 1874, um articulista do *Diário de S. Paulo.*

O calçamento das ruas melhorara bastante, em 1858, durante a administração do presidente senador Fernandes Tôrres, "calçamento cômodo e aperfeiçoado nas testadas dos prédios". Em 1875, de tal pavimentação faria João Teodoro elevado elogio a lembrar "o triste aspecto de antanho incompatível com a rápida e progressiva importância da capital paulista".

Graças à sua intervenção moveu a Câmara Municipal drástica oposição à existência das rótulas que documentavam atrasado estágio de civilização.

Vinha de longe a repulsa às rótulas a cuja existência desde muito combatia a opinião pública fluminense.

As mais velhas vistas das ruas centrais de S. Paulo revelam a presença de tais apêndices às fachadas das casas, constituídos por grades de madeira, de traves estreitas e cruzadas, servindo de postos de espia dos observadores do movimento dos transeuntes.

Já em 1809 o famoso Intendente de Polícia do Rio de Janeiro, Paulo Fernandes Viana, encetara encarniçada campanha contra as rótulas *urupemas,* ou *urupembas,* ordenando-lhes a destruição. Sua presença, no pitoresco dizer de Vieira Fazenda, dava à urbe carioca o aspecto de imenso xadrez de polícia. Barbarizavam, expressa Varnhagen, a facies das principais ruas da Capital brasileira.

Legítimos descendentes dos *mucharabys* mouriscos, vinham tais apendículos de plurissecular herança ibérica e a sua abolição total imenso demorou no Brasil. Assinala Fazenda a existência de diversos, no Rio de Janeiro, posteriores a 1850.

Espalhou-se o movimento "anti-rotulista" pelo Brasil. Em 1854, o Constitucional, fôlha paulistana, citada por Egídio Martins, comentava o projeto da Câmara Municipal tendente à abolição das rótulas. Achava-as o articulista muito cômodas. Para que as substituírem por vidraças cobertas com esteiras da China, nas janelas baixas, como as que em Santos e no Rio de Janeiro usavam as famílias para se ocultarem? Várias das pequenas povoações litorâneas e das cidades do interior já haviam proscrito as esteiras de palha ou de pau postas à fachada dos edifícios.

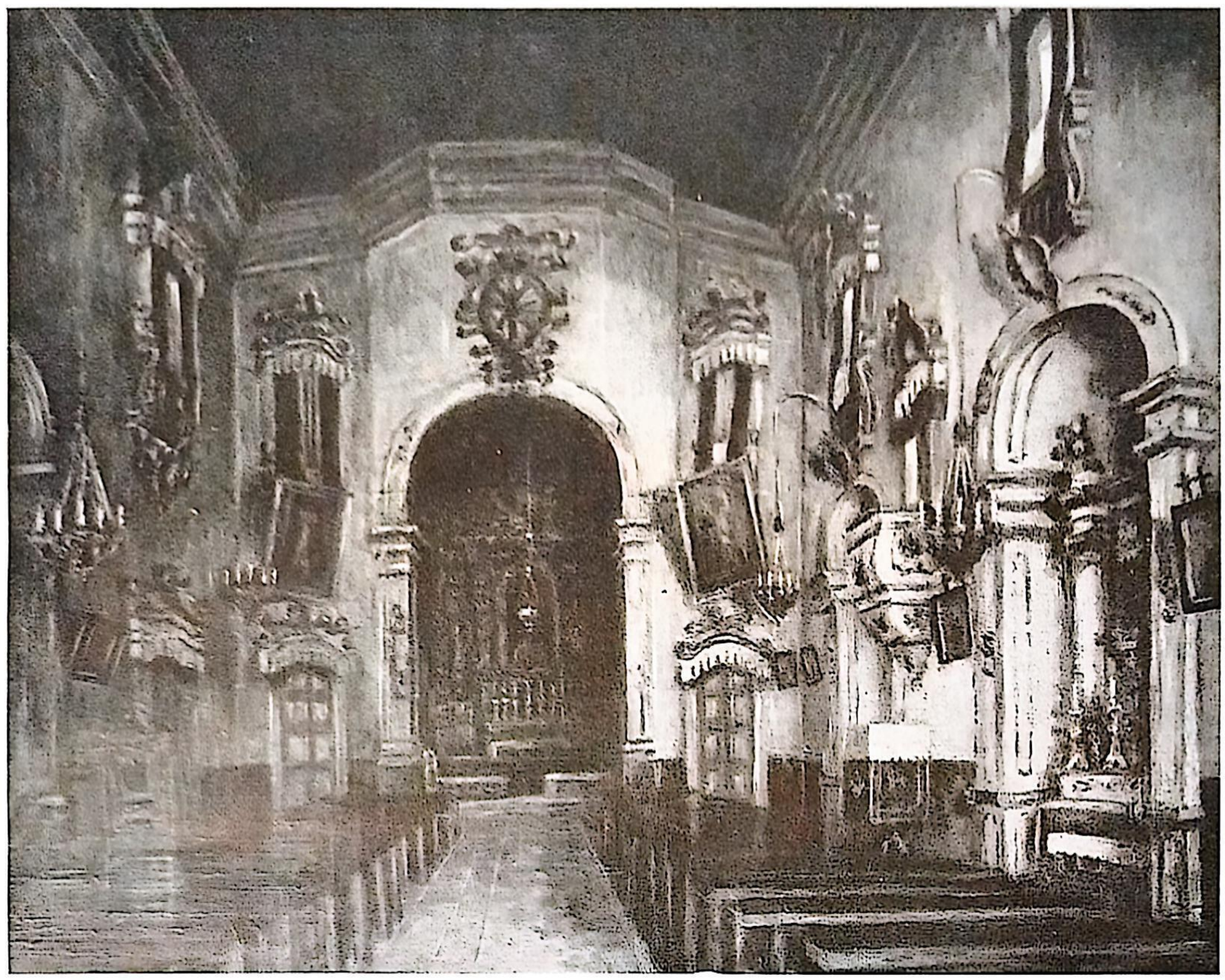
Fora de dúvida era, porém, que muito melhoraria de aspecto a capital da província evitando-se as abalroadas nas janelas. Quem sabe até se daí não proviria benéfica influência sôbre os costumes públicos?

Às urupemas e *tutti quanti* moveu a Câmara de 1873 impiedosa guerra, ameaçando multar quem, até 31 de dezembro dêste ano, conservasse "rótulas, postigos, portas e janelas de abrir para fora". Isto sob pena de verem os proprietários dos prédios as modificações das fachadas feitas pela municipalidade e à custa dos recalcitrantes misoneístas.

Contra o edital ameaçador então lançado protestou veemente o *Correio Paulistano,* de 1.º de janeiro de 1874, apelando para os direitos consignados na Constituição do Império. Poderia a Câmara instituir padrões para as construções e reconstruções de casas, mas nunca, em retroatividade de leis, obrigar os proprietários a alterar os prédios por ela própria autorizados.

Terminava o artigo: "O povo tem o direito de resistência contra ordens ilegais e deve opôr-se a êste escandalo!"

Apesar dos protestos, desde então desapareceram das ruas paulistanas as velhas rótulas, descendentes dos *mucharabys* árabes.



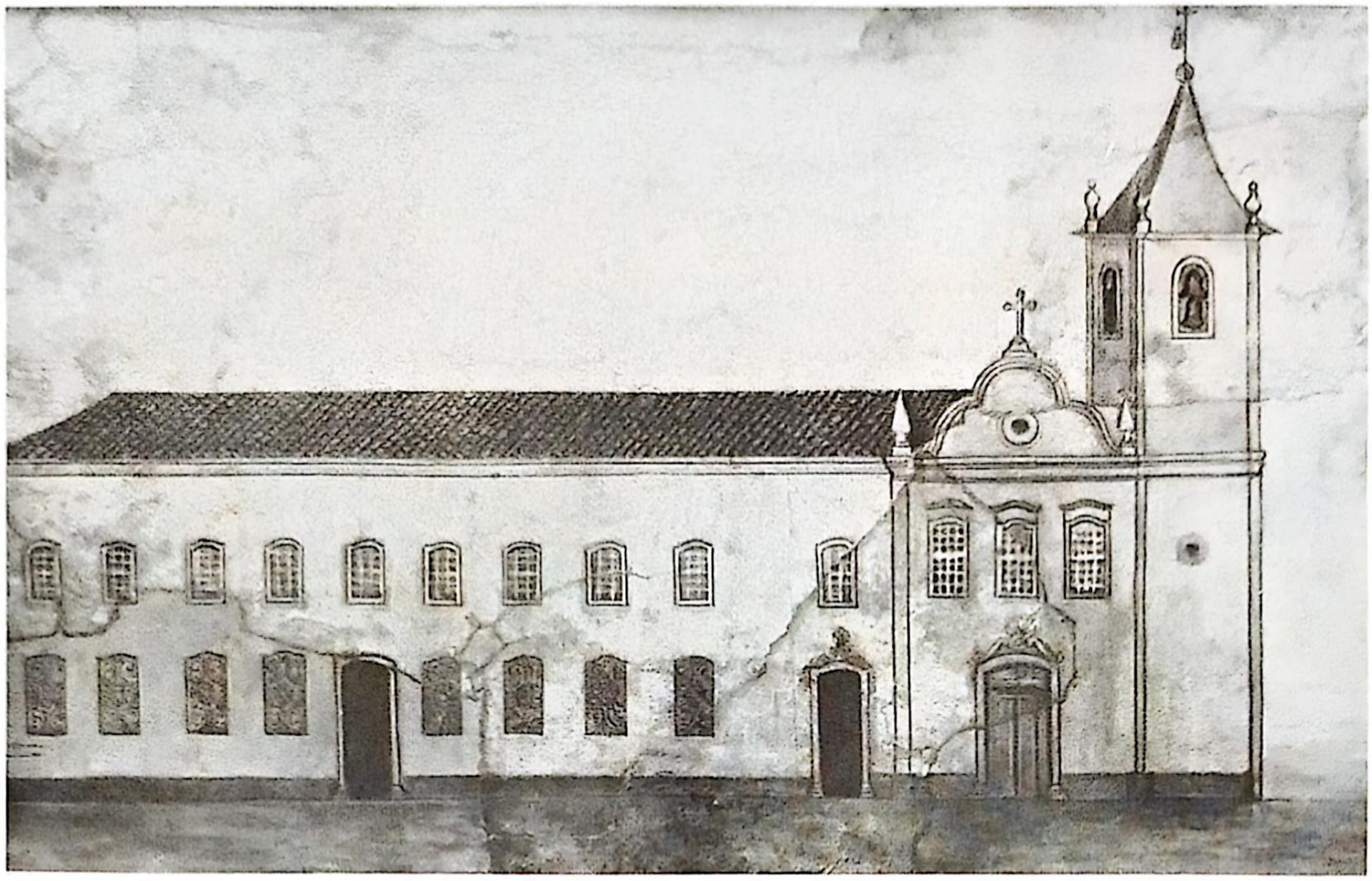
Interior da Igreja de São Bento (1880). (Óleo de D. Maria Cecília Pinto Serra. Galeria do Museu Paulista).

Uma das mais avantajadas da cidade se destacava no centro da rua do Rosário (15 de Novembro) na casa onde morara o comendador José Manuel de França, guaratinguetaense de grande prestígio político e social, homem de espírito filantrópico, deputado provincial, vice-presidente da Província, e senhor de largas posses, falecido em 1852. De seu irmão e herdeiro, morto em 1865, conta Egídio Martins que seu inventariante levou quatro dias a contar o dinheiro em espécie que guardava em casa. Foi esta fortuna, passada às mãos de sua cunhada, D. Ana Rosa de Araújo, falecida em 1872, entregue ao seu testamenteiro, o Senador Barão de Sousa Queirós, que a aplicou na fundação de um asilo para meninos órfãos e desvalidos. Deu-lhe o nome de *Instituto D. Ana Rosa,* instituição a que êle, seus filhos e descendentes largamente aquinhoaram. É dos maiores estabelecimentos de caridade devidos à iniciativa privada existentes no Estado de S. Paulo e no Brasil.

À noite, densa treva cobria as ruas centrais paulistanas nos dois e meio primeiros séculos de sua existência, iluminadas apenas nos dias de luar e de céu límpido.

Recolhia-se a população muito cedo a seus leitos, obediente ao toque de abafa lume, dado no inverno às nove da noite e às dez no verão pelo sino grande da igreja do Colégio.

Depois da Independência ensaiou-se um princípio de iluminação pública, deficientíssimo no dizer de Vieira Bueno e perdurador de dezenas de anos.



O Mosteiro de São Bento em 1835. (Original de Miguel Benício Dutra).

"Uma enorme geringonça de ferro pregada na parede de uma esquina estendia por cima da rua longo braço em cuja extremidade estava dependurado um lampeão. Colocados de longe em longe nas ruas principais, a luz dêsses lampeões, alimentados com azeite de peixe, difundia claridade mortiça que só alumiava pequeno espaço, projetando longas sombras movediças quando o vento balouçava os lampeões."

"As noites eram pois trevosas quando não havia lua, acontecendo algumas vêzes pisar-se em sapos que, ocultos durante o dia nos quintais, de noite vinham para a rua tratar da vida, saidos pelos canos dos esgotos das águas pluviais."

Eram então miríades êstes batráquios povoadores das várzeas, conta o mesmo autor, e "sua tristonha e variegada orquestra" não deixava de proporcionar encanto aos ouvintes propensos à melancolia.

Foram a princípio cinqüenta e três os lampiões públicos, depois elevados a 75 e a cem. Até 1842 deviam ser apagados à meia-noite. Com a revolução liberal dêste milésimo mantiveram-se acesos a noite tôda, praxe que se conservou constante de 1844 em diante.

Em 1847, o negociante Afonso Milliet propôs colocar na cidade 160 lampiões "fornecidos de "gás hidrogênio líquido" com quatro orifícios luminosos capazes de dar mais luz do que os do ajuste". Manter-se-iam acesos a noite tôda salvo nas horas em que a lua estivesse de fora ou no horizonte.

Receberia o proponente setecentos mil réis mensais de subvenção.

Depois de vários anos de iluminação defeituosa, afinal, em 1872, foi a cidade beneficiada pela do gás obtido pela destilação da hulha, com 700 postes sustentáculos de outros tantos lampiões.

A ABADIA DE SÃO BENTO

EM 1566, determinou o Sumo Pontífice São Pio V que todos os cenóbios beneditinos de Portugal, recém-reformados, se agrupassem em congregação distinta. Quinze anos mais tarde decidiu a Congregação Beneditina Lusitana a fundação de mosteiros no Brasil e Frei Antônio Ventura, acompanhado de alguns monges, veio estabelecer-se na cidade do Salvador, criando-se então a abadia de São Sebastião.

Em 1589, surgiu no Rio de Janeiro a nova abadia de Nossa Senhora do Monte Serrate que viria a ser um dos maiores monumentos históricos e artísticos do Brasil.

Eram os beneditinos a segunda "religião" estabelecida em nosso país. Mais velhos do que êles só a Companhia de Jesus que os antecedera de trinta e dois anos.

Chegariam os franciscanos, em 1585, e os Carmelitas, em 1589.

Em 1598, surgiu o hábito do Patriarca dos Monges do Ocidente entre os habitantes do pequenino vilarejo paulistano que ainda não contava meio século, envergado pelo piedoso monge vicentino Frei Mauro Teixeira. Realizava-se uma fundação que é hoje a mais antiga da cidade de S. Paulo a ocupar o local de sua implantação no solo piratiningano, há disto hoje 355 anos.

Como vieram os filhos de São Bento a estabelecer-se em São Paulo, relata-nos, com o sabor agradável de ingênua crônica, de ressaibo quase medieval, o anônimo autor do "Para o registro e dietario do Mosteyro", cuja autoria se atribui ao prelado setecentista Frei Ângelo do Sacramento.

Traçada para ficar arquivada no Mosteiro, pertence à categoria dêstes escritos tradicionais na Ordem Beneditina, e dos quais, de tempos a tempos, exumam os eruditos um ou outro inédito, de grande valor evocativo. Tal se deu com o sábio Cardeal Dom Aidano Gasquet com os seus preciosos achados medievais, como por exemplo, a *Crônica de Jocelyn of Brakelond,* tão preciosa pintura da vida monástica e social inglêsa no século XII.

A propósito do estabelecimento dos beneditinos em São Paulo, conta o humilde autor:

"Da fundação e situação dêste Mosteiro neste lugar.

No tempo em que esta cidade era Villa de S. Paulo, muito no seu principio, tambem logrou felicidade, que não foy pequena, de a ella vir, e chegar o Rdo. Pe. Fr. Mauro Teixeira, Monge muito religioso, e abstinente, de louvavel vida, e singulares costumes; Deu copia da sua vinda aos senhores Senadores, e a nobre Camara daquelle tempo, expondo-lhe o intento, que o movia a subir a Serra do Cubatão e a vontade, e disposição do seu Prellado, que era o D. Abbade do Mosteiro da Bahia, que juntamente era Provincial nesse tempo.

Hé muito para se crer a alegria, que conceberão os Senadores por se verem, e a sua Villa, possuidos de um tão religioso Padre, o de uma Ordem tão especializada entre as mais; Com applausos o receberam, e lhe consignarão, ao depois de elle expor o seu intento, e

4 his

O Mosteiro de São Bento visto do Anhangabaú (1818). (Pintura de Tomás Ender).

conseguir o fim, que o havia movido, a paragem no ultimo fim do alto, em que está cituada hoje a Cidade.

Logo que o Rdo. Pe. Fr. Mauro com esta licença e consignação do logar, deu principio a lançar os primeiros fundamentos na parte mais aprazivel de toda a Cidade por ficar como fora della; porque correndo-lhe por baixo do Mosteyro de sua parte, que é a do nascente, o Rio Tamandatihy, que por esta parte o cerca, formando essa formosa enseada a terra, a feyxa de tal sorte com o Rio Inhangabahú, que pela parte do poente corre deyxando em cima no pavimento da terra, o lugar para quem vem ao Mosteyro o possa entrar de maneira que parece está este fora da mesma Cidade: neste lugar e no fim desta última parte do alto de toda a Cidade formou sua Capellinha com a invocação de S. Bento. o Pe. Fr. Mauro.

Neste lugar e por alguns annos, como os verdadeiros Monges da Tebayda, viveu o Pe. Fr. Mauro Teixeira, fazendo todas as obrigações que o seu estado pedia, e a sua vida penitente, apartado de toda a humana conversação, e abstinente, para por este meyo servir melhor a Deus."

Obteve doação de chãos como base da sua fundação. Documento muito curioso, que também tem o vivo sabor das eras idas, a "carta de chãos dos padres bentos" passada pela Câmara de São Paulo, a 9 de maio de 1600, em doação perpétua "até o fim do mundo" (sic).

Deferindo a petição do Padre Prior Frei Mateus da Ascensão, declaravam os oficiais da Câmera, como no tempo se dizia, que êle fôra enviado por seu superior à Capitania de São Vicente para nela edificar mosteiro "aonde mais decente lhe parecesse". E porquanto "na vila lhe parecera bem" e achara já feita uma ermida, em certo sítio e chãos, pedira carta de doação de tal terra, sendo atendido por constar aos oficiais ser como o dito padre dizia e alegava "per serviço de Deus Nosso Senhor e de seu servo o bemaventurado São Bento".

O Mosteiro de São Bento, visto do Pôrto Geral. (1860).

Assim proclamavam dados e doados os ditos chãos, os quais seriam "para convento ou mosteiro ou casa do dito santo para que seus padres e ministros delles fizessem o que lhes bem estivesse, chãos doados fôrros livres e isentos de todo tributo e pensão que à dita Camara pertencesse para sempre até o fim do mundo".

Era o local concedido o mais ilustre da vila, depois do do Colégio, o lugar onde se assentara a taba do velho Tibiriçá, o glorioso índio que realizara a aproximação euro-americana e permitira o surto da civilização no planalto, notàvelmente cooperando para salvar São Paulo da agressão tamoia de 1562.

As primeiras doações para o patrimônio do Mosteiro vieram a ser as sesmarias concedidas a 4 de julho de 1598 por Miguel Aires Maldonado, mais tarde desbravador famoso da região de Campos dos Goitacases.

Retirando-se por algum tempo de S. Paulo, não se sabe por que motivo, deixaram os beneditinos como procurador a Manuel Prêto.

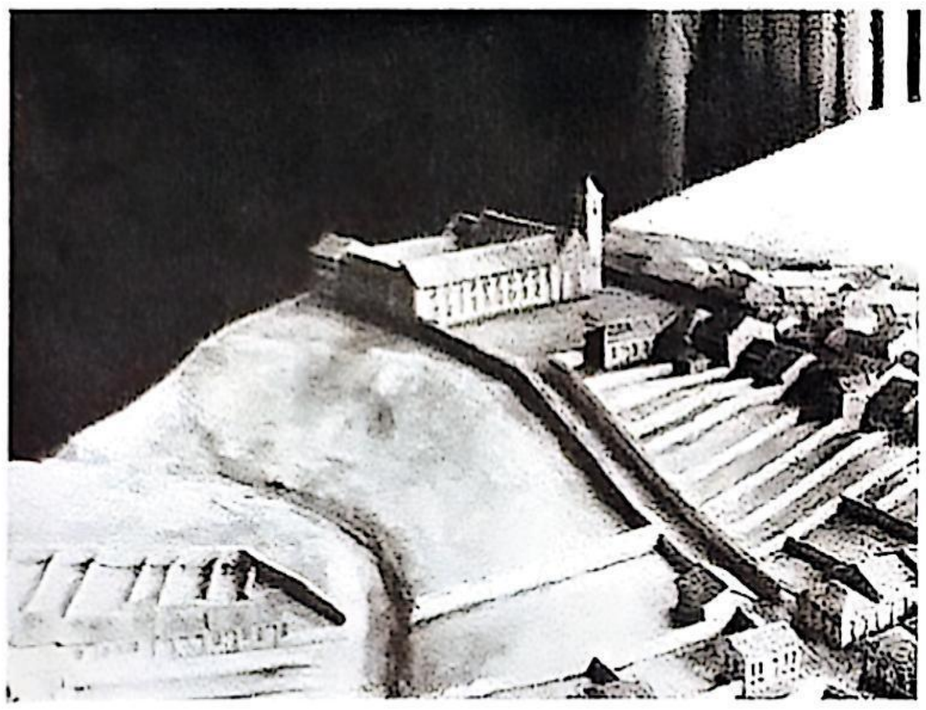
Era como se sabe um dos mais notáveis *calções de couro,* dos homens de ferro que alargaram o Brasil, pelo continente a dentro, por intermédio do bandeirantismo.

Anos mais tarde reapareceria Frei Mateus da Ascensão, nomeado para exercer o cargo de prior do novo cenóbio.

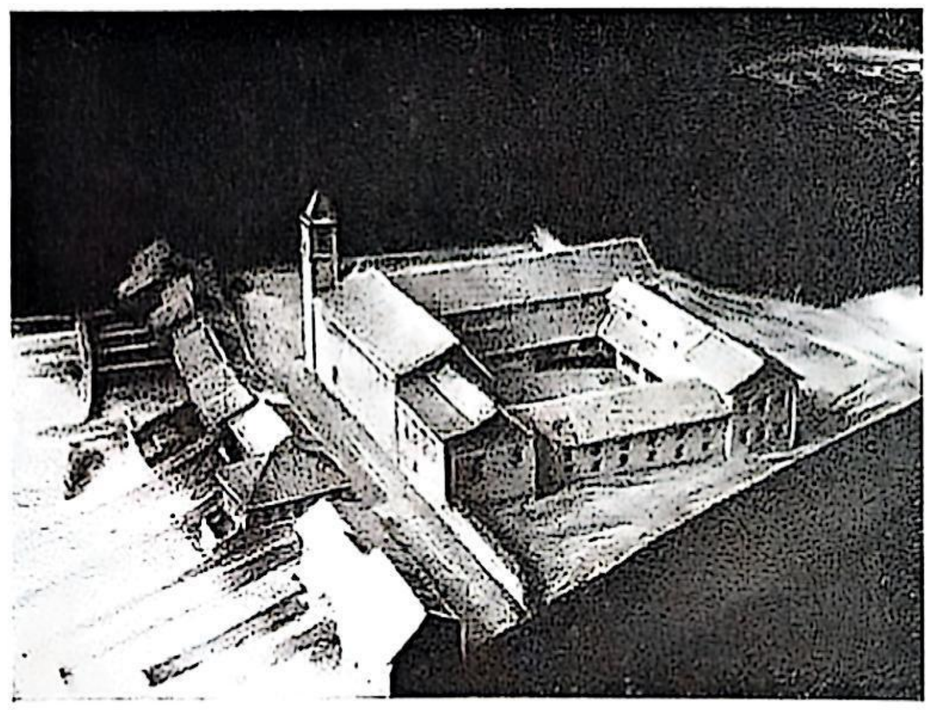
Em 1610 chegaria a São Paulo, com mais dois irmãos de hábito, no séqüito de D. Francisco de Sousa, recém-nomeado Governador-Geral da Repartição do Sul.

Foi D. Francisco quem pediu aos monges mudassem a invocação de sua capela para a de Nossa Senhora do Monserrate.

O patrimônio com que se fundou o Mostteiro foi a mesma sesmaria concedida a Fr. Mateus, 200 braças de terra em quadra ou 193.600 m², "para dela tirarem os monges mantimentos e as mandarem lavrar para seu sustento".



O Mosteiro e o Largo de São Bento em 1841. Ensaio de reconstituição. (Maqueta do Museu Paulista).



O Mosteiro e seu claustro visto dos fundos (1841). Ensaio de reconstituição. (Maqueta do Museu Paulista).

Papel anônimo do arquivo do mosteiro relata: "por certidão da Câmara e outra do Padre Vigário, passada na era de 1630, consta que depois dos tres religiosos que vierão com o dito Governador, dahi a alguns annos vierão mais cinco".

Um dêstes era Frei João Pimentel, antigo vigário de São Paulo de 1608 a 1616. Passara-se depois para o Rio de Janeiro onde chegara a ser Vigário-Geral. Em 1628, vemo-lo vigário da Sé dessa cidade. Neste ano dizem os documentos "se metteu religioso monge do Patriarcha, no Rio de Janeiro".

A volta de Frei João Pimentel a S. Paulo, comissionado pelo Abade do Rio de Janeiro Frei Máximo Pereira, notável alvorôto trouxe.

Reuniram-se a Câmara e os "homes da guovernansa da tera pera se tratar se hera bem que se aseitase na vila frei João Pemintel, frade de S. Bento, con titullo de vyzitador".

Dizeres da ata de 25 de janeiro de 1630 denunciam a existência de conflito entre o Governador-Geral do Brasil e o abade fluminense. Ordenara Diogo Luís de Oliveira que não se atendesse às ordens do Abade.

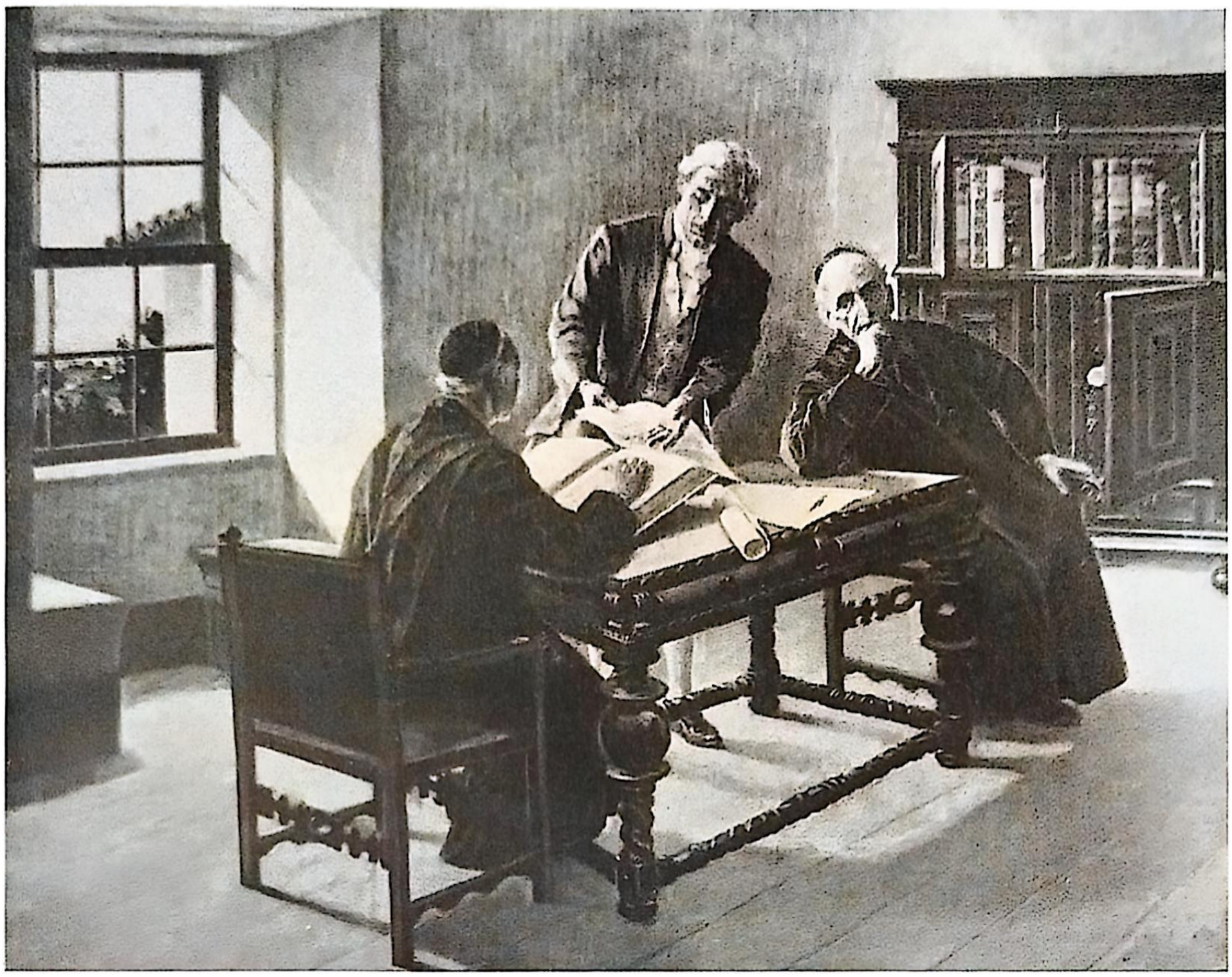
Afinal tudo se acomodou. Não havia questão alguma entre o representante do prelado, antigo pároco de S. Paulo, e a Câmara da Vila.

Declarou esta, que embora ausentes, haviam os beneditinos, sempre, na vila mantido procurador, motivo pelo qual os prelados jamais se tinham intrometido a visitar sua igreja.

Devia esta, contudo, ser verdadeiramente insignificante se não paupérrima. E realmente num término de vereança de 1621 se lê que só existiam em S. Paulo quatro igrejas: Colégio, Carmo, Matriz e Misericórdia. Nas alusões repetidas das atas nunca se menciona a de São Bento.

Numa escritura de 1631 referente a dois sítios, no Tijucuçu, doados ao "Rev. P. Abbade do Convento de S. Bento, Fr. João Pimentel da Rocha, por Duarte de Macedo e sua mulher", dá-se ao monge o título abacial mas no auto da posse é êle intitulado presidente.

Alguns anos mais tarde, em 1637, é possível que já houvesse abade paulistano. É o que indica a nova doação de Miguel Aires Maldonado, das terras de Borda do Campo, "para todo o sempre ao convento e casa de Nossa Senhora do Monsarrate da ordem do Bemaventurado Patriarcha S. Bento da dita villa de S. Paulo para que como suas, que são de hoje por deante, se possão apossar e senhorear dellas".



Pedro Taques debate assuntos da história de São Paulo com seus primos Frei Gaspar da Madre de Deus e Frei Miguel Arcanjo da Anunciação. (Quadro de F. Richter. Galeria do Museu Paulista).

Convento bem modesto seria, mas certamente já com o seu igrejó mais vistoso do que alguns anos antes fôra.

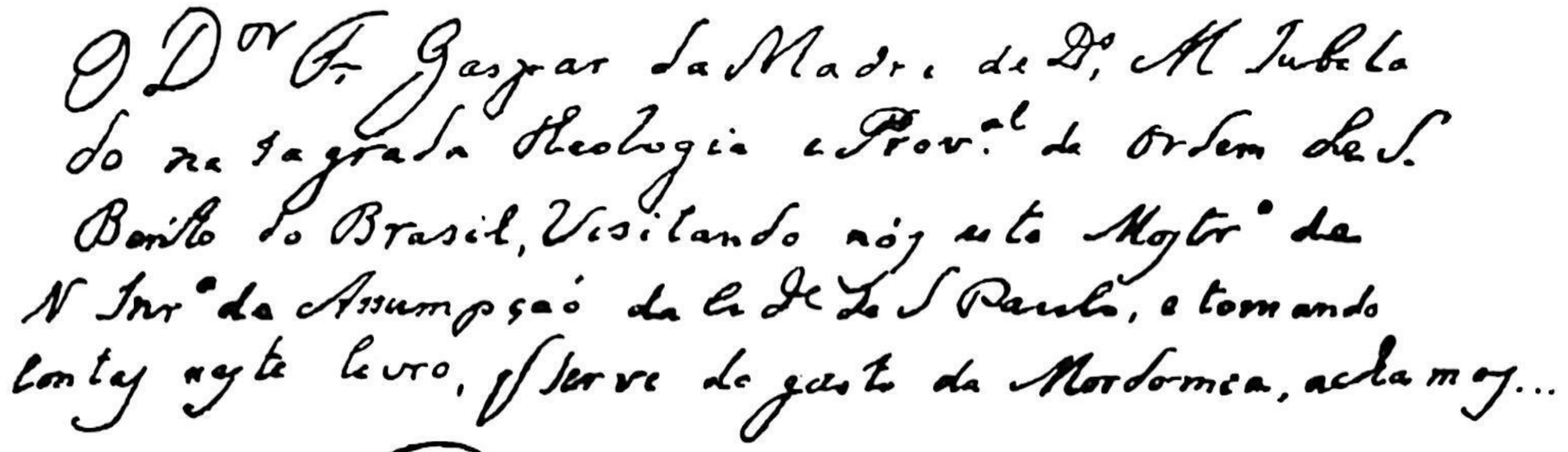
Pouco se sabe da vida beneditina nos anos seiscentistas.

Não se intrometeram os monges, aliás quase sempre muito poucos, nas questões gravíssimas entre os paulistas e os jesuítas das quais resultou, em julho de 1640, a expulsão dêstes.

Em 1641, ficaram os beneditinos na maior evidência graças a um acontecimento, que espíritos "destruidores (?) de lendas" pretenderam tachar de pura invencionice dos velhos cronistas de São Paulo e a quem documentos recentes vieram iniludìvelmente demonstrar que realmente ocorreu.

Queremos nos referir ao caso famoso da aclamação de Amador Bueno.

À discussão dêste fato, célebre e celebrado, único na história do Brasil, prende-se, e do modo mais notável, a personalidade do mais ilustre monge da congregação beneditina brasileira primitiva, o abade provincial historiador das primeiras eras vicentinas. Reportamo-nos a Frei Gaspar da Madre de Deus, cuja memória tão rudemente atacada no século passado, cremos insofismàvelmente liberta da pecha de falsificador de documentos, e mentiroso, que tão leviana e injustamente lhe foi irrogada.


O Dor Fr. Gaspar da Madre de Ds. M. Jubilado na Sagrada Theologia e Provl. da Ordem de S. Bento do Brasil, Visitando náq este Mostr.o da N. Snr.a da Assumpçaõ da Cid.e de S. Paulo, e tomando conta naq.te livro, q. serve de gasto da Mordomia, achamos...

Fr. Gaspar da Madre de Ds.

Autógrafo de Frei Gaspar da Madre de Deus (1768).

Provocou a restauração da independência portuguêsa o aparecimento nos fastos do Brasil de pitoresco e típico episódio, revestido do mais alto relêvo psicológico como documento do estado de alma de uma população já em núcleo avultado e forte em suas características raciais.

A tal incidente cabe extraordinário relêvo como, com a maior exação, escreveu o eminente ensaísta uruguaio Enrique Rodriguez Fabregat: "constitui a primeira demonstração de nacionalismo e independência, ocorrida em terras do Novo Mundo".

Quem e em singelo relato no-lo revelou foi Frei Gaspar da Madre de Deus, em suas "*Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*".

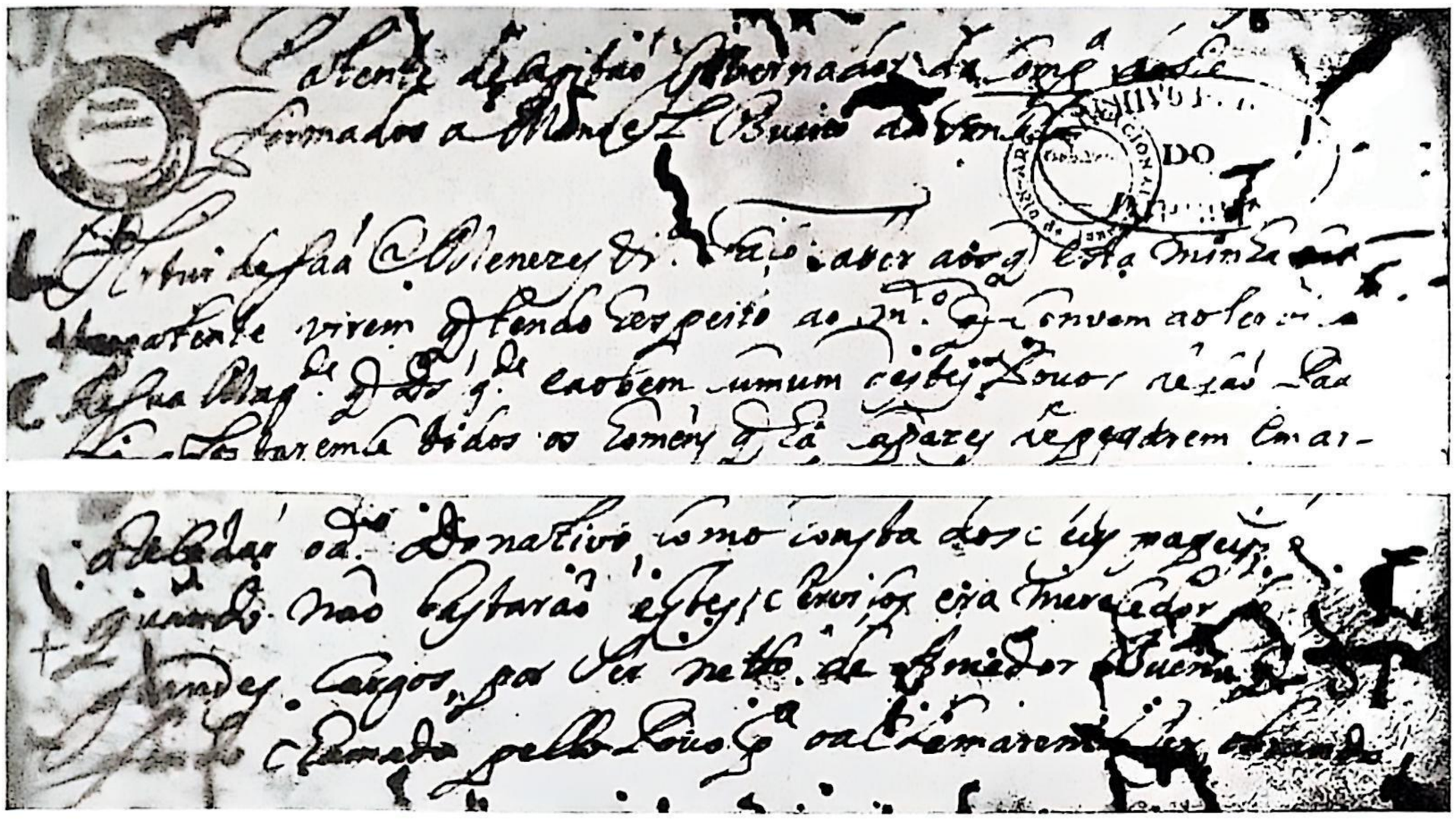
Assim nos conta que a São Paulo chegando a notícia de que Luís Dias Leme aclamara Rei em São Vicente ao Duque de Bragança com o nome de D. João IV, por ordem de D. Jorge de Mascarenhas, Marquês de Montalvão e Vice-Rei do Brasil; trouxe esta inesperada novidade sensibilíssimo golpe aos espanhóis, estabelecidos e casados na Vila.

Desejavam conservar as Povoações de Serra Acima na obediência de Castela; mas não se atreviam a manifestar tal intento, receosos de serem vítimas da cólera dos paulistas, "se lhes aconselhassem que permanecessem debaixo do aborrecido jugo espanhol". Resolveram, pois, usar de artifício, desta forma esperando alcançar seu desiderato.

Tinham por certo que a Capitania de São Vicente e quase todo o sertão do Brasil dentro em poucos anos tornariam a unir-se às Índias de Espanha, ou pela fôrça das armas, ou pela indústria, se os paulistas acaso se desmembrassem de Portugal, erigindo um Govêrno separado, qualquer que fôsse, dada a comunicação que havia pelos rios entre as Vilas de Serra Acima, e as Províncias do Prata e Paraguai.

Fingindo-se movidos pelo amor do país, onde estavam naturalizados, propuseram-se aos amigos, parentes e aliados, um meio que lhes pareceu o mais seguro, para lograrem os seus intentos: o de elegerem um rei paulista. E ao mesmo tempo apontaram como o mais digno da Coroa a Amador Bueno de Ribeira, em cuja pessoa, concorriam as circunstâncias de ser de qualificada nobreza, e de muito respeito e autoridade, graças aos cargos públicos que ocupara, e ainda exercia, pela grande opulência, roda de parentes e amigos, as alianças dos nove filhos e filhas, duas das quais casadas com dois irmãos, fidalgos espanhóis, D. João Mateus Rendon e D. Francisco Rendon de Quevedo".

Ao fazerem tal escolha, lisonjeavam-se de que por ser seu candidato filho do sevilhano Bartolomeu Bueno de Ribeira, o atavismo dos avós paternos o faria prospender a decla-



Original da patente de Manuel Bueno da Fonseca em que se comprova a aclamação de Amador Bueno (Documento do Arquivo Nacional).

rar-se mais tarde vassalo de Espanha, superando-lhe os ditames dos ascendentes maternos da família dos Pires, e o fato de haver nascido em província portuguêsa.

Eram sinceros os moradores de São Paulo, continua Fr. Gaspar. Ainda que fiéis, bem poucos teriam a instrução necessária para conhecerem e acatarem o Direito incontestável da Casa de Bragança ao Cetro, e perceberem as funestas conseqüências em que tais maquinações os iriam precipitar.

"Além disto, a plebe em tôda parte é fácil de mover-se e de arrojar-se a excessos. Os espanhóis conseguiram seduzi-la, e ajuntar um grande número de pessoas de tôdas as classes, que aclamando unânimemente por seu Rei a Amador Bueno de Ribeira concorreram, cheios de alvorôço e de entusiasmo à sua casa a congratular-se com êle."

Sobremaneira surprêso, procurou o aclamado lançar mão de razões capazes de dar a conhecer a seus entusiastas "sua culpa e cega indiscrição".

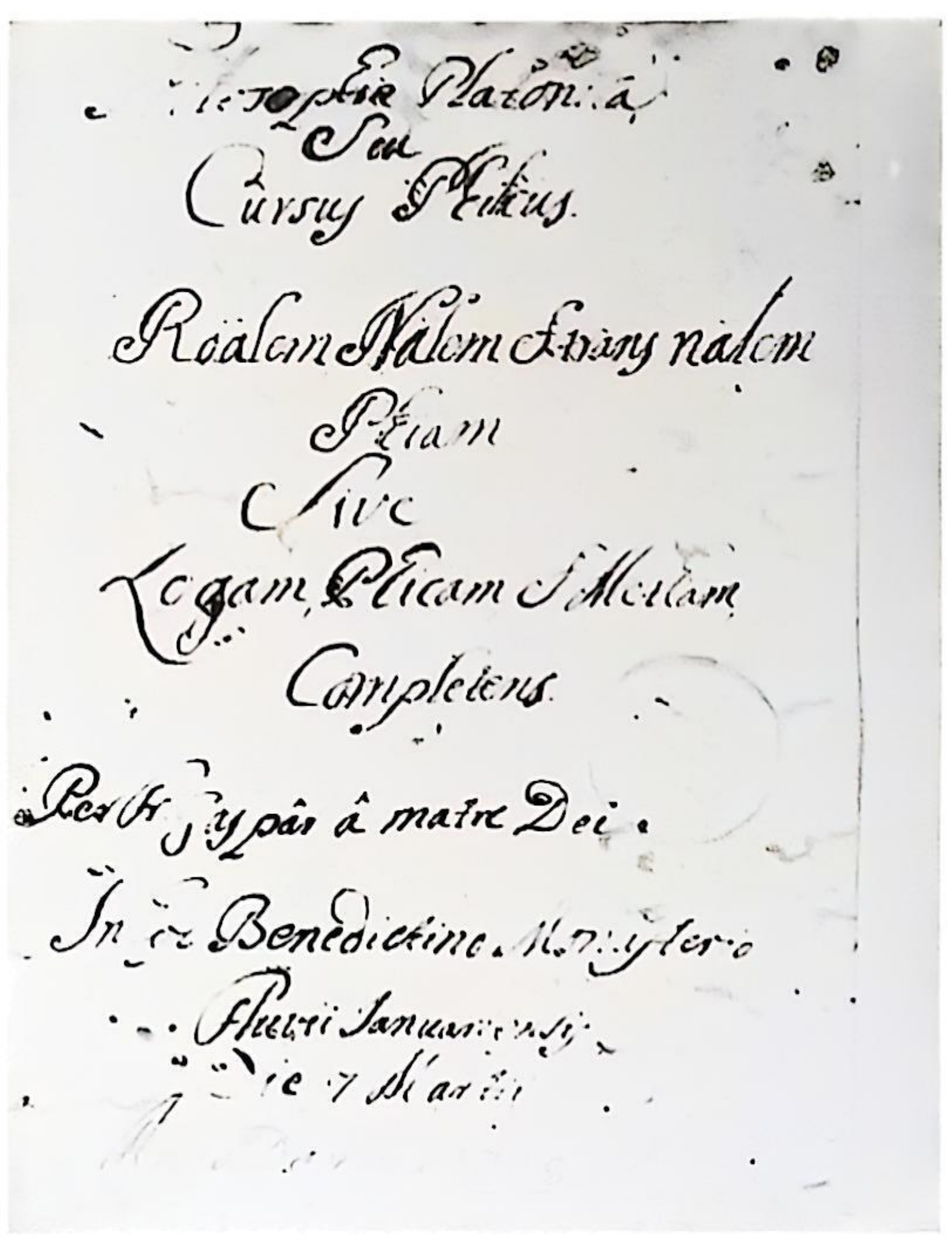
Lembrou-lhes a obrigação de se conformarem com os votos de todo o Reino, e a ignomínia que a sua Pátria atingiria, se não fôsse a tempo reparado, por meio de voluntária e pronta obediência, o desacêrto de tão criminoso projeto.

"Mas a repugnância do eleito aumentara a obstinação do povo ignorante. Chegam a ameaçá-lo com a morte, se não quiser empunhar o cetro. Vendo-se nesta consternação, o fiel vassalo saiu de sua casa furtivamente e com a espada nua na mão, para se defender, se necessário fôsse, caminhou apressado para o Mosteiro de São Bento, onde intentava refugiar-se.

Advertem os do concurso, que havia saído pela porta do quintal e todos correm após êle, gritando: "viva Amador Bueno, nosso Rei", ao que êle respondeu muitas vêzes em voz alta: "Viva o Senhor D. João IV, nosso Rei e Senhor, pelo qual darei a vida".

Chegando ao Mosteiro, entrou e fechou ràpidamente as portas. Como os paulistas antigos veneravam suavemente aos sacerdotes, principalmente aos Regulares, nenhum insultou ao Convento e todos pararam da parte de fora, insistindo porém na indiscreta pretensão.

Desceu à portaria o D. Abade acompanhado da sua Comunidade e com atenções entreteve a multidão, enquanto Amador Bueno de Ribeira mandava chamar com pressa, os eclesiásticos mais respeitáveis, e alguns sujeitos dos principais que se não achavam no concurso. Vieram logo uns e outros, e todos unidos fizeram compreender aos circunstantes, que o Reino pertencia à Sereníssima Casa de Bragança e que dêle se acharia esta em posse pacífica desde o dia da morte do Cardeal Rei D. Henrique, se a violência dos monarcas espanhóis não houvera sufocado o seu Direito.


Philosophia Platonica
Seu
Cursus Philos.
Realem Naturalem Moralem
Etiam
Civilem
Logicam, Physicam Metaphysicam
Completens.
Per Fr. Gaspar à matre Dei.
In Ill. Benedictino Monasterio
Sancti Januarii
die 7 Martii

Fôlha de rosto do Tratado de Filosofia, de Frei Gaspar da Madre de Deus (1748).

"Nada mais foi necessário para se conduzirem aquêles fiéis portuguêses como deviam: todos arrependidos do seu desacôrdo, foram cheios de gôsto aclamar solenemente o Senhor D. João IV com mágoa dos espanhóis, os quais, para não perderem as comodidades que tinham vindo procurar em São Paulo, prestaram também o juramento de fidelidade ao mesmo Soberano."

A substância do referido caso, continua o autor das *Memórias*, confirmaram as palavras de Artur de Sá e Meneses, Capitão-General da Repartição do Sul, na patente por êle passada, em 1700, a Manuel Bueno da Fonseca descendente de Amador Bueno.

Nasceu, entretanto, no século XIX, entre os nossos historiógrafos uma corrente inquinando de fantasiosas as afirmativas dos cronistas de São Paulo, sobretudo a de Frei Gaspar secundado por Pedro Taques.

O Mosteiro de São Bento e a Rua da Constituição (Florêncio de Abreu) em 1862.
(Quadro de Benedito Calixto — Galeria do Museu Paulista).

Partiu a contestação de Cândido Mendes de Almeida, belo talento servido por poderosas faculdades dialéticas e possuidor de vastos conhecimentos das coisas brasileiras e americanas. Acompanhou-o Moreira de Azevedo, autor de relêvo muitíssimo menor. Afirmaram, ambos, que não existia a patente de Manuel Bueno da Fonseca, documentadora de patranha inventada por Frei Gaspar secundado por Pedro Taques.

Tivemos o ensejo de descobrir o papel em questão no Rio de Janeiro e no Arquivo Nacional.

Dos mais interessantes é o cotejo entre o texto do documento em questão e o do autor das "Memórias" no trecho inquinado de suspeito:

Texto de Frei Gaspar

E quando não bastavão estes serviços era merecedor de grandes cargos, por ser neto de Amador Bueno, q. sendo chamado pelo Povo para o acclamarem Rei, obrando como Leal e verdadeiro Vassallo, com evidente perigo de sua vida, "clamou", dizendo, que vivesse El-Rey Dom João o IV seu Rey e Senhor, e que pela fidelidade que devia de Vassalo queria morrer nesta defensa; e respeitando eu tão louvavel Vassalo, digno de grande remuneração, hei por bem nomear...

Texto do Documento do Arquivo Nacional

E quando não bastavão estes serviços era merecedor de grandes cargos, por ser neto de Amador Bueno, q. sendo chamado pelo Povo para o acclamarem Rei, obrando como Leal e verdadeiro Vassallo, com evidente perigo de sua vida, "exclamou" dizendo que vivesse El-Rey Dom João o quarto seu Rey e Senhor q. pela fidelidade q. devia de vassalo queria morrer nesta defensa, e respeitando eu neste tão louvavel Vassalo digno de grande remuneração, hei por bem nomear...

Vista tirada do fundo do Mosteiro (1880).

Fachada do Mosteiro sôbre seu quintal (1880).

Mais favorável não pode ser o confronto. Inequìvocamente demonstra a escrupulosa fidelidade de frei Gaspar.

Em que data terá ocorrido a aclamação de Amador Bueno? Com os elementos de que dispomos não podemos fixá-la. A notícia da restauração portuguêsa foi divulgada na Bahia a 15 de fevereiro de 1641 e no Rio de Janeiro a 10 de março seguinte.

Foi, pois, na segunda quinzena de março e no máximo até 1.º de abril de 1641, que ocorreu a aclamação de Amador Bueno, a menos que não haja surgido como reação à proclamação de D. João IV. Nesta cerimônia de solidariedade lusitana coube lugar de grande destaque ao abade de São Bento e aos seus monges.

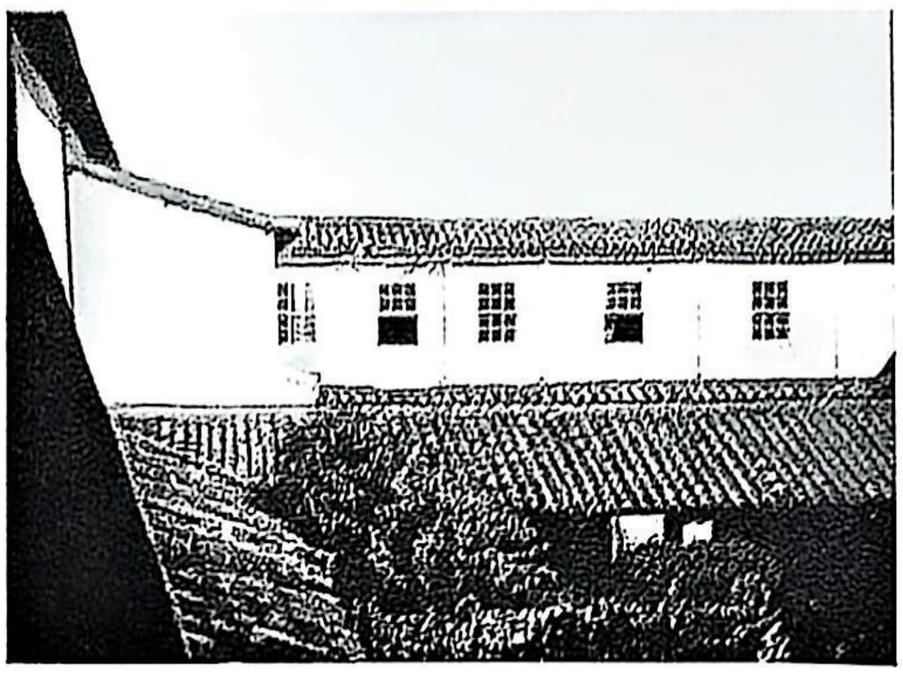
"O vereador mais velho Paulo do Amaral arvorou o dito pendão por tres vezes, dizendo em cada uma Real! Real! Real! por El rei D. João o quarto de Portugal! respondendo a cada uma destas vezes, todos os circumstantes com mil vivas e jubilos em o dito altar que estava preparado em o qual assistia o reverendo padre vigario, revestido com a sobrepeliz e estola em um livro dos Santos Evangelhos ou missal, jurou nelle o dito capitão mór João Luiz Mafra de conhecer e manter por estes reinos de Portugal ao senhor dom João o quarto rei de Portugal, promettendo-lhe a menagem desta capitania e que não a entregaria senão a sua real magestade ou a seu certo recado.

E acabado, tornou o dito vereador a tremular com o dito pendão tres vezes, dizendo Real Real Real por El Rey Dom João o quarto de Portugal! a que seguiram os vivas e jubilos dos mais circumstantes e sahindo da dita procissão á casa do conselho donde havia de ficar o dito pendão por remate de tudo, antes de se recolher, o dito vereador fez as ditas cerimonias arvorando tres vezes o dito pendão, ao que se seguiu a acostumada e aprazivel voz de todos com mil vivas e jubilos e por aqui se deu fim a esta tão festejada como alegre cerimônia."

À ata, e em oitavo lugar rubrica Frei João da Graça, assinando-se "dom abbade de S. Bento", precedida a sua assinatura pela de Antônio Rapôso Tavares e seguida pela de Fernão Dias Paes.

Muito pobremente viviam porém os monges de São Bento em sua abadia modestíssima, celebrando em minúscula e paupérrima igrejinha e vivendo em mosteirinho minúsculo e desconfortável.

Vista da fachada do Mosteiro, tirada de longe (1880).



Aspecto da fachada interna do Mosteiro, do Claustro e seu jardim (1880).

A 21 de abril de 1646 escrevia à Câmara paulistana o abade do Mosteiro fluminense, Frei João da Vitória, pedindo a proteção da municipalidade para o estado de completa penúria em que viviam os seus irmãos de Piratininga, num cenóbio de quatro celas contíguas ao seu igrejó.

Foi então que interveio, em grande demonstração de generosidade, um dos maiores vultos do sertanismo, o mais tarde celebérrimo Governador das Esmeraldas, Fernão Dias Paes.

Homem de imenso prestígio dispunha de largas posses.

Dera-lhe o maior destaque o conjunto das ações de bandeirante no sul, o comando da repulsa ao ataque dos batavos a Santos, o empenho em reconciliar os concidadãos com os jesuítas expulsos de São Paulo, a atuação nos conflitos da guerra civil dos Pires e Camargos.

Em 1650, propôs aos monges dar-lhes, inteiramente à sua custa, igreja e mosteiro reedificados e em proporções muitíssimo mais amplas do que as existentes. Em troca apenas lhes pedia a outorga da posse perpétua de três sepulturas na capela-mor do seu novo templo. Diz o singelo cronista a quem nos referimos: "O que tudo attendido e acceyto pelos padres, presente o seu Provincial o Padre Prior Frei Feliciano de S. Thiago, com o Padre Provincial, concedeu a faculdade de nossa Capella mór ter as trez sepulturas, uma no meio e as duas em cada um dos lados, ao Capitão Fernão Dias Paes".

"Com esta faculdade do Santo Convento com grande alegria, e gosto deu o Capitão Fernão Dias Paes principio a factura desta igreja, e Mosteyro no Sitio e lugar onde hoje, pelo favor do Céo, existe, algum tanto distante, e mais afastado do lugar da primeira Capella da Fundação do Pe. Fr. Mauro Teixeira, e continuando-a, sem cessar o seu intento, a acabou, de todo, fazendo nella trez altares um, que era o altar mór, em que conservou por padroeira da Igreja a mesma Senhora do Monserrate, assentando mais na Igreja um pulpito, ornando-a com coro, e dando todos os paramentos necessarios, tanto para ouro da Igreja, como para ornato dos altares."

"Feyta, e acabada a nova Igreja, pelo Capitão Fernão Dias Paes, e a mandou toda formar pela sua gente de serviço que naquelle tempo eram muitos os indios subordinados ás administrações."

Terminada a obra, declarou o generoso doador que ainda faria aos seus amigos monges uma pensão anual de oito mil réis.

Porém, como esta era onerosa e pouco segura, "por ser certa em vida do mesmo Fernão Dias Paes, e por sua morte poder faltar", comprou em praça um sítio distante légua e meia, chamado Tojucuçu. "Ali se fundaram fazenda e olaria na contigüidade de uma capela consagrada ao Patriarca São Caetano, para patrimônio e renda certa da Igreja".

Amador Bueno. Alto relêvo em granito existente na parede externa da Basílica de São Bento, mandado executar pelo Abade D. Miguel Kruse.

"E como a magnanimidade deste cavalheiro nosso Bemfeitor não era pequena ajudou tambem a fazer, e mandou pillar, pela sua gente de serviço, o Dormitorio deste Mosteyro, contiguo á Igreja nova, fazendo com este beneficio, que se mudassem os religiosos do recolhimento velho da primeira fundação para o novo Mosteyro."

Agora sim, com outros elementos de vitalidade, podiam os beneditinos encarar o futuro e prosseguir na faina do constante *ora et labora* de sua ordem miliar.

"Foi esta a única e verdadeira esmeralda que encontrou e deixou aos pósteros o *Governador das Esmeraldas*", exclamou expresiva e eloqüentemente o Abade D. Miguel Kruse, em 1922, por ocasião da trasladação solene dos ossos do bandeirante para o seu novo jazigo no centro da nave da basílica abacial.

Uma vez concluída a sua demonstração de filantropia e piedade em relação aos beneditinos, assumiu Fernão Dias Paes o mais notável papel nos graves acontecimentos de 1650-1660, na decáda da terrível guerra civil dos Pires e Camargos.

À sua atuação deveu-se precìpuamente a reintegração dos jesuítas em seu colégio de São Paulo, em 1653.

A 14 de maio de 1653 assinava-se em São Paulo a escritura da transação e amigável composição entre os padres da Companhia, a Câmara e o bom povo de São Paulo, tudo isto com extraordinária pompa de declarações, aparato de demonstrações e testemunho de personagens gradas.

Concorreram os beneditinos para êste acórdo com a persuação de sua atitude em relação aos principais chefes em luta.

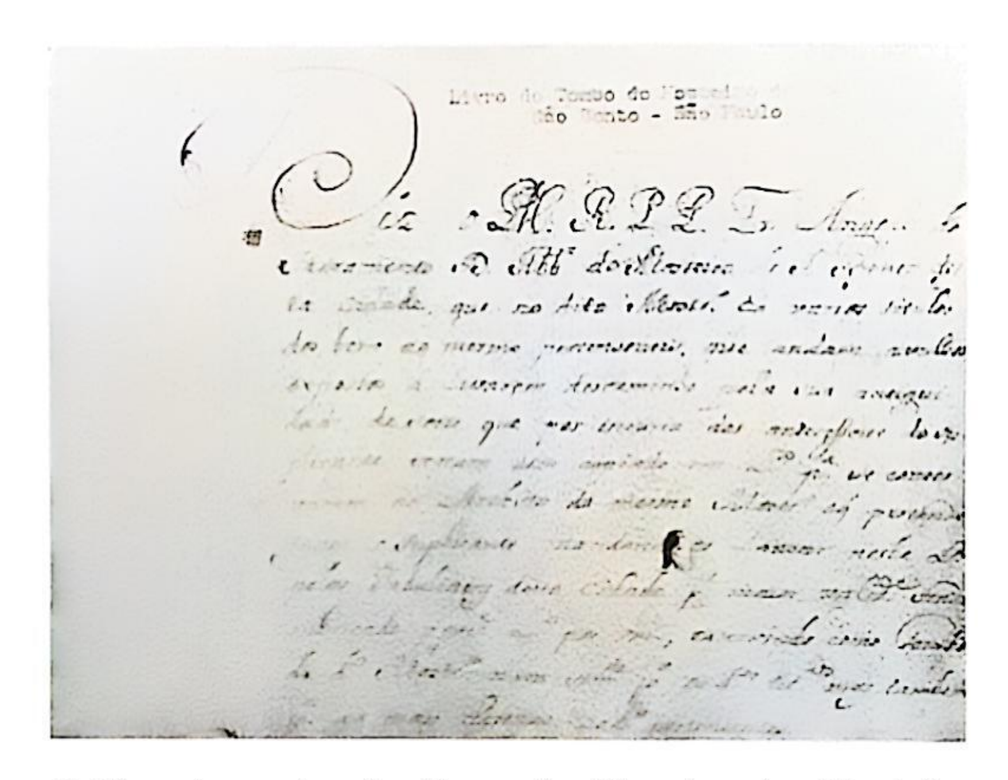
Num dos momentos mais graves da Guerra Civil a intervenção dos monges impediu, em fevereiro de 1654, a mais séria efusão de sangue.

Num "acórdão de transação e amigável composição" promovido pelo Provincial da Companhia de Jesus, o ilustre Simão de Vasconcelos, vemos em segundo lugar aparecer Fr. Basílio da Ascensão, "Dom Abade do Mosteiro de S. Bento".

Mais tarde, em 1656, durante a porfiada contenda entre a Câmara, o Prelado do Rio de Janeiro e o Vigário da vila, o famoso padre Domingos Gomes Albernaz, receberam os beneditinos eloqüente demonstração de aprêço dos seus concidadãos. Foi ao seu Mosteiro a Câmara incorporada, tendo à sua testa os dois juízes, e nada menos de trinta e dois homens bons e da governança da terra.

Pedira o Procurador do Conselho "que fossem suas Mercês ao Convento do patriarcha São Bento, acompanhados com povo e popular que estava junto, para que requeressem ao Reverendo Padre Dom Abbade de S. Bento que acceitasse a appelação ou o agravo ou o que no cazo coubesse para que com ella aceitasse as chaves da igreja matris e sacrario para a ver de amenistrar por si e seus religiosos os sacramentos aos moradores desta vila". Isto porque eram "bons sasardotes".

Continuaram as cenas sanguinolentas ainda por mais um qüinqüênio, sobretudo em 1657 e 1658, quando ao auge atingiu a luta entre as duas facções.



Fôlha de rosto do livro do Tombo do Mosteiro de São Bento.

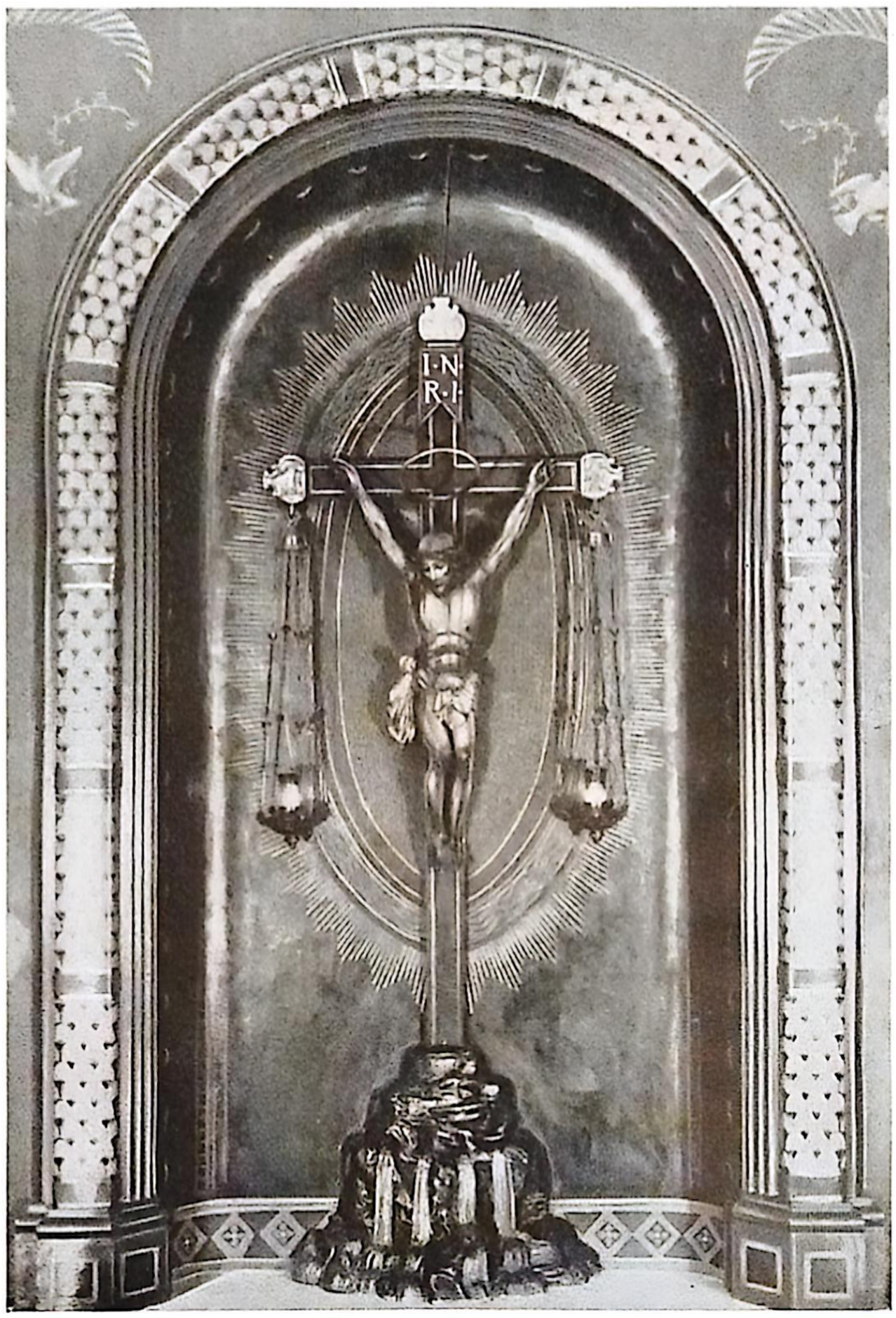
Quando o acôrdo de 1660, promovido pelo Ouvidor Dr. Pedro de Mustre Portugal trouxe a paz, puderam os beneditinos continuar no seu trabalho espiritual tão freqüentemente interrompido pelo fragor das armas.

Sempre muito grande se mostraram o respeito e a deferência dos paulistas para com os filhos de São Bento. Quando pela grande petição de 8 de março de 1661 o povo de São Paulo suplicou a Salvador Correia de Sá e Benevides não voltasse ao Rio de Janeiro revoltado contra a sua autoridade, logo após os oficiais da Câmara aparece a assinatura do abade Frei Jerônimo do Rosário.

Fundaram os beneditinos paulistanos quatro cenóbios dependentes de sua abadia, os de Parnaíba (1643), Santos (1650), Sorocaba (1660) e Jundiaí (1668), os três primeiros como priorados e o quarto como presidência.

Construíra Fernão Dias Pais o lance do Mosteiro, cuja fachada se erguia sôbre o Largo de São Bento, obra terminada no Govêrno de Frei Jerônimo do Rosário (1657-1661), conta Pedro Taques, e compreendendo cinco celas e duas salas que "hua servia de refeitorio".

Foi o abade Fr. Bento da Purificação, que governou de 1664 a 1667, "grande pregador e monge de muita virtude", quem fêz o segundo dormitório, o que olha para o Jaraguá, além de muito mais obras, informa-nos a crônica.



Grande Crucifixo setecentista exposto na igreja abacial.

A 21 de julho de 1674 serviu o Pátio de S. Bento de teatro a um dos maiores acontecimentos dos fastos do bandeirantismo. Em frente ao Mosteiro numeroso concurso de brancos, índios e pretos cercava um dos mais célebres sertanistas, o recém-agraciado, pelo Príncipe Regente D. Pedro, com o altissonante título de Governador das Esmeraldas.

De S. Paulo arrancava Fernão Dias Paes com a sua vultosa bandeira, à testa de vários dos mais afamados "calções de couro" do seu tempo como Manuel de Borba Gato, Matias Cardoso de Almeida, Garcia Rodrigues Paes e outros, em "ocasião do real serviço". Ia encetar a temerosa jornada dos sete anos que o imortalizaria e na qual perderia a vida.

Propunha-se a desvendar os mistérios das serras lendárias de Itaberá e Sabarabuçu "minadas de prata e ouro" e dos cerros de Itamirindiba e Itacambira, ninhos das esmeraldas. Procuraria verificar ao mesmo tempo o que haveria de verdade sôbre as riquezas ribei-

rinhas da encantada lagoa do Vapabuçu, cruzando os sertões dos Cataguases e do reino dos Mapaxós.

Tradição dos beneditinos é que antes de partir para aquela temerosa campanha "no serviço de Sua Alteza e a gastar a maior parte de sua fazenda própria, com briosa e liberal resolução", foi o formidável cabo de tropa assistir missa na igreja que construíra, cuja nave se encheu com a presença dos calções de couro e a vultosa mesnada dos seus "bastardos e carijós" a que se entremeavam as seus tapanhunos, peças do gentio de Guiné.

Despedia-se dos seus amigos monges, em cuja abacial esperava lograr a perpetuidade do descanso dos restos mortais.

Sete anos mais tarde novo sucesso, e do maior vulto, viria, em novembro ou dezembro de 1681, alvorotar a comunidade de S. Paulo.

Pedra fundamental da reconstrução da igreja de São Bento (1766).

A piedade filial de Garcia Rodrigues Paes trazia-lhe os despojos do seu benfeitor, a pedir-lhe o lugar de perene repouso que lhe fôra doado na capela-mor da sua igreja.

Eram os ossos de Fernão Dias Paes que o ilustre filho do Governador das Esmeraldas vinha confiar ao sepulcro beneditino. Morto de carneiradas à margem do Rio das Velhas em pleno sertão dos Cataguás fôra o seu corpo embalsamado "à bandeirante", a saber, pela destruição das carnes por intermédio do calor de uma fogueira contìnuamente alimentada, durante semanas, a dois palmos da superfície da terra e acima do lugar onde se depositara o cadáver. Conseguido tal propósito, haviam os ossos sido lavados e trazidos a S. Paulo através de cento e cinqüenta léguas das quase impérvias picadas.

Processionalmente veio o esquife à porta da igreja onde o Abade, paramentado e assistido por tôda a sua comunidade, esperava o préstito composto de numerosíssimos parentes e amigos do homeríada, clerezia, autoridades municipais, soldados de sua bandeira, índios de sua administração, além de enorme concurso do povo.

A 30 de dezembro de 1681, a tal propósito depunha Fr. Francisco da Conceição, o prelado que lhe recebera os restos mortais, em autos de justificação requeridos pelo Padre Dr. João Leite da Silva, irmão do bandeirante e vigário de São Paulo, em favor dos direitos dos herdeiros de seu glorioso primogênito.

Santa Escolástica — Imagem do século XVII.

São Bento — Imagem do século XVII.

Já no jazigo do Governador das Esmeraldas, instituído em 1651, haviam sido sepultados pessoas de sua família. Dêle dizia o Abade que "remediara a limitação em que viviam os religiosos de São Bento, em gratificação do qual católico beneficio o haviam estes aclamado benemerito padroeiro do seu mosteiro, agora perpetuo deposito de seu cadaver e de seus descendentes".

Solenes exéquias se celebraram pelo eterno repouso da alma do Governador das Esmeraldas, cujo elogio fúnebre foi proferido por um jesuíta, o Padre Antônio Rodrigues, último testemunho da gratidão da Companhia ao principal promotor de sua reintegração em S. Paulo.

Escrevendo em meados do século XVIII, três afirmações cabais deixou Pedro Taques, aliás sobrinho bisneto de Fernão Dias Pais, acêrca do sepultamento do grande tio avoengo em seu jazigo de São Bento. A estas asserções do extraordinário linhagista reforça autor da mais acatada autoridade, Azevedo Marques, que por volta de 1870 detidamente examinou o arquivo abacial.

As obras de demolição da velha igreja abacial, por volta de 1909, deixaram a descoberto a posição do jazigo do bandeirante na capela-mor. Nela se descobriram, em 1910, ossos e objetos diversos que o abade D. Miguel Kruse fêz sepultar no centro da nave de sua magnífica basílica, após uma cerimônia de inapagáveis reminiscências para quantos a ela assistiram e em que pronunciou a mais alevantada oração fúnebre.

No século XVIII construíram-se novos cômodos para o Mosteiro como o lance que "olhava para Nossa Senhora da Penha e anexa ao que se chamava o Convento Velho", edificação muito rústica "que vinha dos primeiros anos", ao que parece. Também se cons-

Imagens seiscentistas de autoria de Frei Agostinho de Jesus — Nossa Sra. do Montesserrate e São Bernardo.

truíram junto a êste lance e "para as oficinas do Mosteiro" todo o necessário e lugares convenientes como se requer nas comunidades.

Descreve a crônica do cenóbio o "aumento que foi tendo a nova igreja por devotos e benfeitores, entre os quais assinala o opulento José Ramos da Silva, avô de Matias Aires e de Catarina de Orta, o Capitão-Mor da Capitania de São Vicente, Pedro Taques de Almeida, e seu filho o Capitão-Mor da cidade, José de Góis e Morais, minerador opulento, dos primeiros anos das Minas, Isidro Tinoco de Sá, que tanto procurou proteger os índios das aldeias de São Paulo, o rico Capitão-Mor Manuel Mendes de Almeida e outros.

Em 1730, na abacial existiam o altar-mor, com retábulo dourado e a imagem de Nossa Senhora da Assunção, com uma coroa imperial de prata. Em dois nichos estavam São Bento e Sta. Escolástica; cujas imagens se encontram na atual Basílica.

Do lado do Evangelho erguiam-se os altares de Sta. Gertrudes e Nossa Senhora dos Remédios com retábulos dourados. Neste último também se via a imagem de Sta. Bárbara.

Do lado da epístola, os de Nossa Senhora da Conceição e de Sant'Ana.

Em frente ao púlpito, a capela de Nossa Senhora do Pilar, com altar dourado.

Eram os paramentos abundantes mas a prataria da igreja escassa.

Em 1748, quando abade o padre Pregador-Geral Frei Caetano de Sta. Gertrudes Leite, primo de Frei Gaspar da Madre de Deus, havia no Mosteiro seis religiosos — dos quais três paulistas, além do Prelado. Muito raramente foi a comunidade um pouco maior, que esta.

Em 1760, coube o govêrno do Mosteiro a Frei Miguel de Santa Rita.

Imagens seiscentistas.

Grande fazedor de obras, entendeu reconstruir a sua velha igreja dando-lhe 48 palmos (17,56 m) de largura e 96 de comprimento (21,12 m) na nave, cabendo ainda ao côro do altar-mor trinta palmos (6,60 m). Contaria seis capelas ou altares laterais.

De 26 de março de 1766 a 27 de março de 1769 governou o abade Frei Ângelo do Sacramento, monge ilustrado, piedoso e sobremodo dedicado ao seu Instituto. Encontrou o Mosteiro em muito má situação financeira, como conseqüência das obras de Frei Miguel, superiores às fôrças do cenóbio. Tornava-se preciso, porém, acabá-las, motivo pelo qual lhe foi mistér pedir mais dinheiro emprestado.

Imprimindo-lhes grande avanço, entendeu necessário também aproveitar a ocasião para dar à Abadia outro aspecto, mais consentâneo à sua importância.

Assim preparou: cela para hospedaria "com todo o necessário, a casa da livraria com estantes, que se compraram a dinheiro, umas, e outras por missas".

Pintou-se a sacristia e preparou-se o salão de visitas ornado com doze quadros dos Santos Apóstolos.

Estava o cláustro muito feio e Frei Ângelo o reformou "mandando fazer canteiros de tijolos bem repartidos que formaram hum jardim ficando a porta da entrada feixada com xave e feychadura".

Sofreu a portaria sérios reparos e construiu-se casa do capítulo e cartório novo.

Foram também tódas as dependências bem tratadas e acrescidas.

Deixou Frei Ângelo curiosa relação da sua pequena biblioteca de 105 obras, isto é, dos livros que adquirira porque os outros "não eram sufficientes para o uso".

Com o exemplo do abade afluíram as dádivas a êsse pequeno núcleo de livraria.

Lápide sepulcral do fundador do Mosteiro, situada no centro da Basílica Abacial (1922).

Lápide sepulcral do claustro (1723).

Com satisfação pôde êle alegar: "todos os livros se prepararão e se puzerão com distinção e clareza reformando-se os seus titulos com novas letras grandes". Ficava a livraria com estantes grandes pintadas e emolduradas de novo. À biblioteca, forrada, pintada, com entrada especial, ainda, adornava grande quadro do Apóstolo São Paulo.

Foram as obras da igreja as de maior vulto. Nelas trabalhou o famoso Tebas, que tanto se distinguiu nas da Sé Catedral e na fatura da primeira grande fonte pública da cidade como informa o erudito Dom Clemente da Silva Nigra.

Lápide sepulcral do claustro.

Refere o mesmo e douto autor que para a reconstrução da abacial deu José Custódio de Sá e Faria os mais úteis conselhos, religiosamente seguidos. Pode-se dizer que o mosteiro, assim como existiu, por mais de século e meio, ficou constituído, em sua parte essencial, graças às obras do excelente administrador que se mostrou o abade. Tal o seu cuidado que ainda ordenou se refizesse o Livro do Tombo.

Terminou Frei Ângelo do Sacramento os seus dias da mais piedosa maneira. Como capelão partiu para a mortífera colônia militar de Iguatemi, o terrível sorvedouro de vidas paulistas, inventada pela política pombalina, no sul do Mato Grosso. Lá morreu vítima da pavorosa malária local.

As comunidades beneditinas antigas paulistanas foram sempre reduzidas. Excepcionalmente chegaram a contar oito conventuais. Em 1765, encontrara o Morgado de Mateus em S. Paulo quarenta e cinco franciscanos, nove carmelitas e apenas quatro beneditinos.

Esta fraqueza numérica fêz com que os monges hajam no século XVIII desistido de manter o santuário de N. S.ª de Luz que lhes fôra entregue.

Assim também na partilha das aldeias indiáticas das cercanias da cidade apenas puderam tomar a direção da de Pinheiros.

Dos monges paulistas angariaram, alguns, no século XVIII, grande reputação de virtude e saber, como, por exemplo, os irmãos, ambos abades, Frei Caetano de Santa Gertrudes Leite e Frei João de Jesus Maria Leite, Frei Felisberto Antônio da Conceição Lara e Morais, Frei Fernando da Madre de Deus Camargo, Frei Gaspar da Soledade Matos.

De Frei Felisberto disse o erudito Diogo Ordonhes: "Foi sempre estimado na sua religião em São Paulo pelas qualidades de excellente orador, zelo em promover os interesses de seu convento e pelo respeito que todos lhe tributam; igualmente louvado e estimado

Lápides sepulcrais do claustro.
Fr. Luís de Sant'Ana faleceu no Sertão de Goiás como capelão da bandeira do Anhangüera.

dos seculares pelos seus talentos, civilidade, liberalidade e grandeza de ânimo, e pelas bellas obras poeticas".

Muito mais notável figura fêz, porém, seu primo Pedro Taques de Almeida, brilhante lente da Universidade de Coimbra, que deixou a beca pela cogula acabando "com a maior opinião" de virtudes.

Mas o grande nome da Ordem em S. Paulo é o de Gaspar Teixeira de Azevedo, em religião Frei Gaspar da Madre de Deus, homem de nome nacional, tão notável o papel que em sua Congregação e no século desempenhou.

Abade de S. Paulo e do Rio de Janeiro, Abade Provincial do Brasil, bispo eleito da Madeira, devem-se-lhe as notáveis *Memórias para a História da Capitania de São Vicente,* e um tratado de Filosofia, inédito ainda, além de diversos outros trabalhos apreciados.

Seu irmão, abade de Olinda, e também Abade Provincial, Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, e autor de Crônica do Mosteiro olindense, não pertenceu ao que parece, à comunidade de S. Paulo.

A repressão ao monaquismo levada a cabo por Pombal, com a longa suspensão dos noviciados, muito prejudicou a abadia paulistana.

No século XIX foram suas comunidades sempre muito reduzidas, e a partir de 1853, com a extinção dos noviciados monásticos pelo aviso Nabuco, tornavam-se diminutíssimas.

Em 1868, espantava-se o viajante inglês Hadfield ao saber que no casarão abacial só havia um monge.

Não se alterou a facies do Mosteiro até 1860, ano em que se reconstruiu a tôrre da abacial. O lance da frente do cenóbio era constituído de larga portaria e salões. No segundo piso havia seis excelentes celas abertas para o largo de São Bento e belo salão, contíguo ao côro da Igreja. O lance do Jaraguá e o dos fundos não apresentava senão cômodos singelos como também o era o refeitório monástico. O lance do fundo vinha a ser o mais modesto. Assim como o claustro, pequeno, coberto de telhas e sem fôrro.

O mobiliário do Mosteiro sobremodo singelo não se destacava pelo aspecto artístico.

A biblioteca intalava-se junto às tribunas da capela-mor da abacial e tinha as janelas para a Rua da Constituição, depois Florêncio de Abreu.

Medalhões com os retratos de Fernão Dias Paes, Sumo Pontífice Leão XIII e do Abade Geral Frei Domingos da Transfiguração Machado. Mandados executar pelo Abade D. Miguel Kruse para a fachada lateral da Basílica.

Durante o primeiro império estêve o Mosteiro a pique de ser ocupado para nêle funcionar a Academia de Direito. Mas como dispusesse de modestas proporções foi-lhe preferido o Convento de São Francisco.

Nêle também funcionaram provisòriamente alguns serviços públicos provinciais e municipais. Em 1842 serviu de quartel a um batalhão reforçador da guarnição de S. Paulo durante a efêmera revolução liberal de Sorocaba.

Ao frontispício do Mosteiro e da Igreja, em 1860, reformou o abade Frei João de São Bento Pereira.

Em 1863, a 29 de junho, saiu da Igreja abacial, para a Sé Catedral, em entrada solene da tomada de posse da diocese, o oitavo Bispo de São Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho. Soleníssimo e concorridíssimo o préstito dêste dia, segundo refere Egídio Martins.

Os três sucessores imediatos de D. Lino: o mais tarde cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, D. Antônio Candido de Alvarenga e D. José de Camargo Barros também se paramentaram na Igreja de São Bento para a cerimônia de sua entrada solene.

Recorda Egídio Martins alguns fatos relevantes dos fastos eclesiásticos e beneditinos de São Paulo, como a grande reunião de 19 de julho de 1874 do clero paulopolitano "afim de se combinarem os melhores meios de se espalhar a instrução católica pelo povo e de se auxiliarem mutuamente os sacerdotes na execução dos deveres espirituais".

A esta assembléia largamente concorrida presidiu um dos mais prestigiosos vultos do clero paulista, o Conselheiro Padre Dr. Vicente Pires da Mota, antigo presidente de S. Paulo, e de numerosas outras províncias do Império, e então diretor da Faculdade de Direito.

Dois dias mais tarde realizou-se a cerimônia solene da consagração do Clero da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, cerimônia em que o grande orador sacro, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, uma das maiores figuras do nosso púlpito nacional, proferiu oração de extraordinária eloqüência, rezam os depoimentos da época. Em terceira reunião

A Abadia de São Bento.

votou-se uma moção de aplausos à atitude dos prelados brasileiros na chamada "questão religiosa" e de confôrto ao bispo de Olinda, D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, então encarcerado na Fortaleza da Ilha das Cobras.

Ao surgir a República existiam na província de S. Paulo apenas dois beneditinos, o abade de São Paulo e o Prior de Santos. Durante o decorrer de quase todo o século XIX não pôde, por falta de número de conventuais, haver côro na abacial paulistana.

Era o Mosteiro de pequenas dimensões. Sua Igreja apresentava-se modesta mas bem alfaiada. As celas sôbre o Largo de São Bento eram largas. O refeitório, grande, mas sem quaisquer características monásticas, como aliás sucedia às diversas dependências da casa. O melhor cómodo, além do salão do segundo piso, ante-sala do correr das seis celas principais, vinha a ser a Biblioteca, bom núcleo de livraria, hoje enormemente acrescida pelo zêlo dos últimos prelados e onde figuravam numerosas edições, hoje raríssimas, de livros da velha bibliografia portuguêsa, algumas delas representando verdadeiros cimélios.

O Claustro de nenhuma imponência se revestia, embora assaz grande. Atijolado com coberta de telha-vã, bem representava a simplicidade do São Paulo colonial, tão diverso nas proporções e majestade arquitetônica de seu congênere da Abadia do Rio de Janeiro.

À ala paralela à fronteira do Largo de São Bento constituíam cômodos de construção muito simples, dependências do velho cenóbio, cujo mobiliário sempre foi o mais modesto, sem o aparelhamento de arcazes, bancadas, cadeiras, estantes, etc. existentes nas casas beneditinas do Rio de Janeiro e da Bahia.

No pequenino Mosteiro trissecular expirara, a 15 de julho de 1900, o último Abade da antiga Congregação brasileira, o bondoso Frei Pedro da Ascensão Moreira, sendo em sua substituição, pelo Abade-Geral Frei Domingos da Transfiguração Machado, nomeado Prior D. Miguel Kruse, homem dos mais notáveis predicados intelectuais e de iniciativas de largo alcance.

Sagrado abade em 1908, viria a falecer a 1.º de abril de 1929, deixando a mais alta reputação de virtudes e saber consignada no lacônico e eloqüente epitáfio: *Dilexit Ecclesiam*. Deve-se-lhe a transformação extraordinária do velho e modestíssimo cenóbio, completamente reconstruído, em grandiosa abadia a que se anexaram notáveis fundações culturais como o Ginásio de São Bento, a Faculdade Livre de Filosofia e Letras. Assim como a fundação da Abadia de Santa Maria, de monjas beneditinas, obra que tamanho surto tomou, e a do Hospital de Santa Catarina, um dos maiores e mais afamados nosocômios de S. Paulo e do Brasil.

Restaurara-se ao mesmo tempo a tradição da grande liturgia beneditina na soberba Basílica erecta por sua iniciativa e sagrada pelo ilustre Cardeal Gasquet. Sob o govêrno de seus dignos sucessores, homens de *intrépida fides*, o abade D. Domingos de Silos Schellhorn (1929-1948) de tão piedosa memória e do atual prelado, D. Paulo Marcondes Pedrosa, tão zeloso da tradição de sua Ordem, tem os anos continuadamente feito acrescer o prestígio de um dos maiores institutos monásticos do Brasil e do Universo.

OBRAS COMEMORATIVAS DO

IV.° CENTENÁRIO

DA CIDADE DE SÃO PAULO

Uma série de obras escolhidas especialmente, e outras reeditadas, para figurar como homenagem de EDIÇÕES MELHORAMENTOS *à grande metrópole paulista que, no seu quarto centenário de fundação, dentro de um ritmo cada vez maior de vida e de progresso, mais surpreendentemente se projeta no cenário mundial, impulsionada pelo espírito empreendedor de seus habitantes.*

HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO
Affonso de E. Taunay

HISTÓRIA DAS BANDEIRAS PAULISTAS
(Dois tomos)
Affonso de E. Taunay

VELHO SÃO PAULO
(Dois tomos)
Affonso de E. Taunay

ENSAIO DE CARTA GERAL DAS BANDEIRAS PAULISTAS
Affonso de E. Taunay

ISTO É SÃO PAULO!

SÃO PAULO ANTIGO — SÃO PAULO MODERNO

GUIA TURÍSTICO DA CIDADE DE SÃO PAULO

EDIÇÕES MELHORAMENTOS